

SEPAC – Serviço à Pastoral da Comunicação
PUC-SP (COGEAE) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
CULTURA E MEIOS DE COMUNICAÇÃO: UMA ABORDAGEM
TEÓRICO-PRÁTICA.

IARA SIMONETTI RACY

**FAZENDO ARTE: A COMUNICAÇÃO PARTICIPATIVA NO
PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS**

UM ESTUDO ATRAVÉS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA MENTAL
EM SÃO PAULO.

São Paulo

2011

SEPAC – Serviço à Pastoral da Comunicação
PUC-SP (COGEAE) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
CULTURA E MEIOS DE COMUNICAÇÃO: UMA ABORDAGEM
TEÓRICO-PRÁTICA.

IARA SIMONETTI RACY

**FAZENDO ARTE: A COMUNICAÇÃO PARTICIPATIVA NO
PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS**

UM ESTUDO ATRAVÉS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA MENTAL
EM SÃO PAULO.

Monografia apresentada para a obtenção do
Certificado de Pós Graduação *Latu Sensu* do
curso de Especialização *Cultura e Meios de
Comunicação: uma abordagem teórico-prática*.
Orientadora: Prof.(a) Dr.(a) Joana T. Puntel

São Paulo

2011

Agradecimentos

Agradeço a toda equipe e professores do SEPAC pelas relações criadas e pela partilha de conhecimentos. Agradeço, em especial, Irmã Joana que confiou no meu trabalho quando muito precisei.

Agradeço o Cal, coordenador da Nossa Turma – Lazer Programado, pelo apoio. Agradeço meus alunos que se dedicaram com entusiasmo durante todo o processo da pesquisa e agradeço as famílias dos meus alunos que permitiram que essa pesquisa se concretizasse.

Agradeço a Priscila e a Silvia pelo espaço cedido que permitiu que a exposição pudesse ser realizada.

Agradeço meu filho pela compreensão das horas que passei frente ao computador e agradeço meus pais pela educação que me deram a qual reflete em todas as minhas relações.

*Dedico esse trabalho ao meu filho, João Pedro,
e às relações que ele construirá ao longo de sua vida.*

*Não é no silêncio que os homens se fazem,
Mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.*

(Paulo Freire)

Resumo

Este trabalho descreve os resultados práticos decorrentes de um processo de expressão artística feita por pessoas com deficiência mental durante Oficinas de Comunicação em uma empresa em São Paulo. Visto que o desenvolvimento bio-psico-social de uma pessoa se dá num contexto cultural e social amplo e desenrola-se a partir da assimilação das impressões que o indivíduo tem sobre o meio que o cerca, da sua expressão e conseqüente intervenção no mesmo, os resultados aqui analisados dizem respeito ao impacto provocado pela relação dialógica entre os produtores das obras de arte e seus receptores. Esta pesquisa visa contribuir para o desenvolvimento de práticas sociais direcionadas às pessoas com deficiência mental que permitam a construção coletiva de novas relações na sociedade.

Palavras-chaves: Arte, deficiência mental, relação social

Sumário

1. Introdução	09
2. Fundamentação Teórica	
2.1. Capítulo 1: Arte e Sociedade	11
*Arte e cultura	12
*Arte e Relações Sociais	14
*Arte e Indivíduo	15
*A obra de arte	16
2.2. Capítulo 2: Comunicação	18
*Comunicação Interpessoal e Práticas Sociais	19
2.3. Capítulo 3: Deficiência Mental	24
*Estigma/Preconceito	26
*Legislação	28
2.4. Capítulo 4: Arte, comunicação, deficiência mental e transformação..	31
*Comunicação e mudança	32
*Arte e Mudança	34
2.5. Capítulo 6: Nossa Turma – Lazer Programado	36
3. Metodologia	
3.1. Participantes	38
3.2. Instrumentos	39
3.3. Procedimentos	39
4. Resultados	
4.1. Expectativa dos participantes	42
4.1.1. Expectativa pré-exposição: primeiro momento – começando a pensar no trabalho	42

4.1.2. Expectativa pré-exposição: segundo momento – início da execução do trabalho	43
4.1.3. Expectativa pré-exposição: terceiro momento – finalizando o trabalho	43
4.1.4. Expectativa pós-exposição: sensação do evento e aprendizado das oficinas	44
4.2. Produção dos participantes	
4.2.1. Produção em grupo	45
4.2.2. Produção Individual	52
4.3. Produção Audiovisual	60
4.4. Questionário aplicado aos convidados da exposição	
4.4.1. Perfil dos convidados	62
4.4.2. Reação à exposição	63
5. Análise dos resultados	
5.1. Público 1: alunos do Curso de Cinema da Nossa Turma	68
5.2. Público 2: pessoas que frequentaram a exposição	74
6. Conclusão	77
7. Bibliografia	79
8. Anexos	
Anexo 1 – Questionário	83
Anexo 2 – Fotos da exposição “Prazer em Conhecer”	84

1. Introdução

Há mais de três anos desenvolvo trabalhos audiovisuais com pessoas que possuem déficit cognitivo leve a moderado. A bagagem e as observações que trago comigo, tais como o desenvolvimento da criatividade e o aumento do entusiasmo em criar, da autoestima e da autoconfiança e o crescimento dos participantes, me incentivam a direcionar esse conhecimento para um trabalho mais amplo e que possa ser disseminado de diferentes formas (que não só um registro teórico da minha pesquisa) e abranger um público diversificado da sociedade.

Esse trabalho que desenvolvo como psicóloga envolve atividades artísticas que considero importantes para alcançar esse objetivo. São essas atividades, intimamente ligadas à educação, à propagação de cultura, ao desenvolvimento e apropriação de novas habilidades e aprendizagens, ao espaço de transmitir pensamentos, ao conhecimento e re-conhecimento, à possibilidade de integração e conquista de novas relações que se tornam fundamentais para a minha realização profissional.

O interesse em ampliar essa realização através da pesquisa é disseminar meus conhecimentos sobre o processo de desenvolvimento e integração das pessoas com deficiência mental e, em particular, ampliar a visão sobre as relações pessoais e sociais que cada indivíduo constrói em suas vidas, fazendo, assim, com que os conhecimentos apresentados transformem as relações humanas. Cada indivíduo tem sua história, suas limitações e suas potencialidades.

Durante os três anos de trabalho com eles, observei que há um espaço que lhes foi proporcionado para que possam dizer o que sentem, o que pensam, o que sonham, o que querem. E, em nossa sociedade, infelizmente, ainda há muito preconceito a respeito da capacidade dessas pessoas. É preciso criar espaços para

transformar a visão generalizada da deficiência que acompanha esse grupo populacional.

Durante essa pesquisa, foram realizadas 14 Oficinas de Comunicação através das quais meus cinco alunos criaram imagens e textos que compuseram a exposição “Prazer em Conhecer”. Foi todo esse processo e o impacto que a exposição causou nos alunos e nas pessoas que lá foram prestigiar que somaram dados para concluir o trabalho.

Para a exposição, a expressão de sentimentos de uma forma compreensível foi um cuidado do grupo. Contar um pouco da história de cada um, mostrar suas vidas, suas emoções. Ilustrar o que é importante para a vida e para o convívio com outras pessoas. Buscar ou encontrar identificações, novos sentidos, novos olhares. Apresentar cinco formas de viver.

Durante os encontros, ouvi de um dos participantes: *“muita gente não dá importância para quem tem problemas”*. Eu penso que, em qualquer parte do mundo, independente de ter um problema físico, ou mental, ou psicológico, ou acreditar que não tem problema algum, cada indivíduo tem seu modo particular de aprender. E, da mesma forma, um modo só seu de se expressar e lidar com suas limitações.

Utilizar a arte como instrumento, ouvir o que eles têm a dizer e considerar seus reais interesses na propagação de ideias que dizem respeito ao público em questão é a grande intenção desse trabalho e, através dele, espero contribuir para a reflexão de questões relevantes voltadas para a dificuldade cognitiva, sua integração na sociedade e a construção de novas relações.

2. Fundamentação Teórica

2.1. Capítulo 1 – Arte e Sociedade

Alguma coisa há de sair de suas mãos, de sua voz, dos movimentos, dos gestos. Alguma coisa que traduza uma intenção de beleza, uma forma, uma expressão, um traço de caráter, uma contribuição ao enriquecimento da existência.¹

Nesse capítulo abordaremos a arte como importante instrumento para as transformações do ser humano e da sociedade, independente da linguagem utilizada nas suas expressões.

Mas o que é arte? Como ela pode influenciar na sociedade?

“Sem possuímos uma definição clara e lógica do conceito, somos capazes de identificar algumas produções da cultura em que vivemos como ‘arte.’”² Arte é uma palavra complexa que possui diversas vertentes em sua definição dependendo do olhar que direcionamos a ela. A arte está ligada à história, à cultura, ao ensino, ao consumo, a valores, a interesses, entre outros elementos.

Direcionamos, nesse trabalho, a arte como parte fundamental para a formação do indivíduo (e não do ‘artista’) e sua contribuição nas transformações pessoais e sociais. A arte sendo em seu produto, a obra de sujeitos capazes de se olharem e olharem o mundo que os cercam para produzirem novos olhares, novos saberes. É a arte como conhecimento, como facilitadora nas descobertas de si e meio de transmissão de idéias e sentimentos que queremos expressar para o outro. Essa é a arte bela, que revela o autor. “O que esperamos realmente de uma obra de arte é certo elemento pessoal – esperamos tenha artista (...) Esperamos nos revele algo de original – visão única e particular do mundo.”³

¹ Celso KELLY. *Arte e Comunicação*, p.9.

² Jorge COLI. *O que é arte?*, p.8.

³ Herbert READ. *O sentido da arte*, p. 28.

A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de aprendizagem. (...) nosso contato com a arte nos transforma. Porque o objeto artístico traz em si, habilmente organizados, os meios de despertar em nós, em nossas emoções e razões, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos para apreender o mundo que nos rodeia.⁴

E não há como apreender o mundo que nos rodeia sem que estejamos inseridos nele, em nossa cultura. Todos somos seres culturais, que fazem parte de uma sociedade, de uma época e de uma história que está em constante transformação.

Arte e cultura

Infelizmente, a concepção predominante de cultura promove a divisão da humanidade em letrados e iletrados, em seres superiores e inferiores e é causa e consequência da exploração, da opressão e da tirania de homem sobre o homem.⁵

A cultura, muitas vezes, é definida como algo que podemos ou não possuir, “é vista como um fator de divisão entre tipos de pessoas⁶”. Mas temos que deixar de lado esse conceito e ampliar essa percepção, pois não há homem sem cultura. Todos temos cultura e todos somos cultura.

A concepção da palavra que levaremos neste trabalho origina-se em parte da definição dada no Dicionário Filosófico Abreviado de M. Rosental e P. Iudin⁷, constante no texto de Sodré⁸: “é o conjunto de valores materiais e espirituais criados pela humanidade no curso de sua história”. A cultura engloba os costumes, as tradições, os comportamentos de cada sociedade, época e região. Complementando

⁴ Jorge COLI. *O que é arte*, p. 111.

⁵ José Carlos FERRIGNO. *Co-educação entre gerações*, p. 178.

⁶ *Ibid*, p. 178.

⁷ M. ROSENTAL e P. IUDIN. *Dicionário Filosófico Abreviado*. Ediciones Pueblos Unidos, Montevideu, 1950.

⁸ Nelson Werneck SODRÉ. *Síntese de história da cultura brasileira*, p.3

a definição dada pelo Dicionário, Dantas coloca a cultura como sendo uma “rede de significados que dão sentido ao mundo que cerca um indivíduo, ou seja, a sociedade. Essa rede engloba um conjunto de diversos aspectos, como crenças, valores, costumes, leis, moral, línguas...⁹”. Ainda em um sentido antropológico, para Marilena Chauí,

não se pode pensar em cultura com ‘c’ minúsculo e no singular, pois não existe cultura superior ou inferior, ou seja, o que existe atuando, interagindo, contrapondo-se e entrecruzando-se na cena social e histórica é a diversidade cultural¹⁰.

O indivíduo está sempre em relação, seja consigo, seja com o meio, seja com o outro. Não há formação sem o outro e sem os estímulos que recebe do meio, do ambiente cultural. “Ninguém aprende sozinho e ninguém ensina nada a ninguém; aprendemos uns com os outros mediatizados pelo mundo¹¹”.

Dessa forma, cada um de nós somos sujeitos culturais, estamos inseridos na cultura, fazemos parte dela e podemos transformá-la. Ferrigno cita Alfredo Bosi¹² em seu texto que “aponta a memória social ou histórica como central para uma visão desalienada e desalienante de cultura”¹³ e a arte contribui fortemente para a manutenção dessa memória, sendo seus autores os protagonistas dessa história. Porém a arte como transformação social deve ter significado para a sociedade em questão, pois “somente adquire significação na medida em que se integra na cultura de um povo ou período¹⁴”.

Não há como falar de arte sem falar de cultura, elas se misturam, integram expressões do mundo e favorecem a relação e troca de visões distintas. Todas as

⁹ Tiago DANTAS. *O que é cultura?*, p.1.

¹⁰ Marilena Chauí in Fernando Antonio Gonçalves de AZEVEDO. *A arte possibilita ao ser humano repensar suas certezas e reinventar seu cotidiano*, p. 338.

¹¹ Paulo Freire in Ana Mae BARBOSA. *Mediação cultural é social*, p. 13.

¹² Alfredo BOSI. *Cultura como tradição* in Tradição e contradição. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor/Funarte, 2ºed, 1997.

¹³ José Carlos FERRIGNO. *Co-educação entre gerações*, p.178.

¹⁴ Celso KELLY. *Arte e Comunicação*, p.43.

obras estão “intimamente ligadas aos contextos culturais: elas nutrem a cultura, mas também são nutridas por ela e só adquirem razão de ser nessa relação dialética, só podem ser apreendidas a partir dela.”¹⁵

A arte é cultura. É fruto de sujeitos que expressam sua visão de mundo, visão esta que está atrelada a concepções, princípios, espaços, tempos, vivências. O contato com a arte de diversos períodos históricos e de outros lugares e regiões amplia a visão de mundo, enriquece o repertório estético, favorece a criação de vínculos com realidades diversas e assim propicia uma cultura de tolerância, a valorização da diversidade, do respeito mútuo. O conhecimento da arte produzida em sua cultura permite o sujeito conhecer-se a si mesmo, percebendo-se como ser histórico que mantém conexões com o passado, que é capaz de intervir modificando o futuro, que toma consciência de suas concepções e idéias, podendo escolher criticamente seus princípios, superar preconceitos e agir socialmente para transformar a sociedade da qual faz parte.¹⁶

Arte e relações sociais

Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.¹⁷

A arte contribui na construção, ressignificação, diálogo e manutenção das relações, pois “a atividade da arte consiste em evocar em si próprio certo sentimento que se experimentou e, tendo-o evocado, transmiti-lo por meio de movimento, linhas, cores, sons ou formas expressas em palavras, para que outrem experimente o mesmo sentimento”¹⁸. Proporcionando, assim, um “espaço de diálogo, de

¹⁵ Jorge COLI. *O que é arte?*, p.120.

¹⁶ Selma MOURA. *Arte-Educação para quê? (Razões para ensinar arte)*

¹⁷ Ana Mae BARBOSA. *Mediação cultural é social*, p. 21.

¹⁸ Herbert READ. *O sentido da arte*, p.161.

encontro, de transformação”¹⁹ que oferece, um “processo de mútua influencia”²⁰, mediatizada pela criação, descoberta e construção de novos saberes.

Através da obra, do diálogo e da inter relação entre os indivíduos criadores e espectadores é possível “repensar suas certezas e reinventar seu cotidiano”²¹ no contexto da relação consigo e com o outro.

“Qualquer que seja a forma de arte, ocorre a comunicação: a mensagem se transfere.”²² O diálogo que nasce da relação com a arte vem de encontro a um espaço munido de subjetividade, da visão do artista e do observador, ou seja, cada indivíduo interpreta uma obra e incorpora sua mensagem a partir de suas próprias experiências vividas proporcionando a reunião de diferentes grupos e diferentes visões para a busca de uma nova comunicação e uma nova relação entre os indivíduos e o mundo. Essa troca é uma importante contribuição para as transformações sociais na medida em que podem apresentar percepções que até então não nos eram reconhecidas. “Todas as interpretações são importantes, uma vez que revelam histórica e socialmente os sujeitos culturais envolvidos.”²³

Arte e Indivíduo

“Arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo.”²⁴

O reconhecimento da arte pode ocorrer através de nossos gostos, nossos estímulos, nossa personalidade, nossos sentimentos de admiração, nossos

¹⁹ Sueli de LIMA. *Arte e transformação social*, p.5

²⁰ *Ibid*, p.5

²¹ Fernando Antonio Gonçalves de AZEVEDO. *A arte possibilita ao ser humano repensar suas certezas e reinventar seu cotidiano*, p. 343.

²² Celso KELLY. *Arte e comunicação*, p.14.

²³ Fernando Antonio Gonçalves de AZEVEDO. *A arte possibilita ao ser humano repensar suas certezas e reinventar seu cotidiano*, p. 337.

²⁴ Jorge COLI. *O que é arte?*, p. 8.

interesses ou nossas vivências. Cada um de nós carrega em si a intensidade dos sentidos que despertam diante uma obra. O reconhecimento é único, pois trazemos diferentes significados dentro de nós para que compreendamos o que está exposto diante de nós. “Somos nós que enunciamos o ‘em si’ da arte, aquilo que nos objetos é, para nós, arte.”²⁵

Assim como lidamos de forma única diante a observação de uma obra, também produzimos de forma particular. E o produzir, o fazer arte, contribui para o desenvolvimento do indivíduo na medida em que lida com sua totalidade, ou seja, com a razão e a emoção, com a objetividade e a subjetividade, com a cognição e o sentimento. A atividade artística lida com a criação, a percepção, a reflexão e compreensão do mundo, as escolhas, a intuição, a imaginação, a coordenação, a sensação, a inspiração e os interesses favorecendo o desenvolvimento da aprendizagem, do autoconhecimento e da individualidade.

A exposição de uma obra de arte é, então, uma exposição de interpretação da vida para o mundo, interpretação essa que é única do ser criador e que possibilita a transformação do indivíduo e, conseqüentemente, da sociedade.

A obra de arte

Não se trata mais de perguntar o que o artista quis dizer em sua obra, mas o que a obra nos diz, aqui e agora, em nosso contexto, e o que disse, em outros contextos históricos a outros leitores.²⁶

A obra de arte traduz algo que é próprio do seu criador com a intenção de expor ao outro o seu sentido. Ela tem um valor simbólico que representa a expressão do artista. Porém, como já exposto anteriormente, o olhar do espectador

²⁵ Jorge COLI. O que é arte?, p. 67.

²⁶ Ana Mae Barbosa in Fernando Antonio Gonçalves de AZEVEDO. *A arte possibilita ao ser humano repensar suas certezas e reinventar seu cotidiano*, p. 340.

é o que revelará o significado de cada obra para si – constitui o diálogo. “A arte não isola, um a um, os elementos da casualidade, ela não explica, mas tem o poder de nos ‘fazer sentir’.”²⁷ O processo de criação e o reconhecimento da obra envolvem o desenvolvimento do ser humano e a possibilidade de refletir o mundo e alterar escolhas. Dessa forma, a obra introduz um diálogo entre o artista e o observador que pode transformar uma realidade.

São muitas as linguagens que encontramos para expressar uma idéia, um sentimento ou uma percepção. Há quem expresse através de imagens (como a fotografia), através de palavras (como a literatura), através de som (como a música), através do espetáculo (como o teatro) ou através de movimentos (como a dança). Não importa a forma ou o estilo da obra, a arte é uma linguagem universal e, portanto, alcança espaços de medidas inimagináveis. “‘Gostar’ ou ‘não gostar’ não significa possuir uma sensibilidade inata ou ser capaz de uma fruição espontânea – significa uma reação de complexo de elementos culturais que estão dentro de nós diante do complexo cultural que está fora de nós, isto é, a obra de arte.”²⁸

Perceber, interpretar e incorporar o sentido da arte na nossa vida depende do olhar de cada um, de nossas experiências pessoais, depende da forma como mergulhamos na comunicação que ela estabelece conosco.

²⁷ Jorge COLI. *O que é arte?*, p. 112.

²⁸ *Ibid*, p. 119.

2.2. Capítulo 2 - Comunicação

*A comunicação é duplamente poderosa: tanto porque pode criar realidades como porque pode deixar que existam pelo fato de serem silenciadas.*²⁹

Todos os seres humanos precisam se comunicar com os outros para viver e sobreviver. Desde que nascemos, aprendemos que, através da comunicação (verbal ou não-verbal), somos capazes de influenciar o meio em que vivemos e somos influenciados por ele.

A comunicação faz parte de todo e qualquer ser humano em todo momento, direta ou indiretamente, seja através da fala ou do silêncio, dos gestos ou do comportamento. Ela sugere interação com o outro visando um diálogo, uma partilha, uma persuasão, um pedido, um divertimento, uma troca, uma compreensão ou até mesmo uma necessidade. É através dela que expressamos nossas opiniões, nossa identidade, nossos sentimentos e nossas ideias.

Em qualquer ato comunicativo encontramos, como descrito na retórica de Aristóteles³⁰, basicamente, três elementos necessários para que ele aconteça: emissor (quem fala), mensagem (o que fala) e receptor (quem recebe). “É somente pela produção, transmissão e recepção de mensagens que se torna possível a ocorrência dos efeitos da comunicação”³¹. Porém, apesar dos objetivos e expectativas iniciais do emissor ao transmitir uma mensagem, não há como ter controle da interpretação de quem a recebe, pois o sentido de cada palavra, gesto ou imagem não se encontra no meio propriamente dito, mas, sim, na reação que

²⁹ Pedrinho A. GUARESCHI, in Pedrinho A. GUARESCHI (coordenador). *A realidade da comunicação – visão geral do fenômeno*, p.14

³⁰ David K. BERLO. *O processo da comunicação*, p.29

³¹ *Ibid*, p.177

cada indivíduo percebe perante ele de acordo com suas experiências pessoais. É a compreensão do que foi transmitido que nos diz se a comunicação satisfaz seu objetivo.

As finalidades básicas da comunicação são entender o mundo, relacionar-se com os outros e transformar a si mesmo e a realidade. A comunicação é, antes de mais nada, um ato criativo. Não existe apenas um agente emissor e um receptor, mas uma troca entre as pessoas, formando um sistema de interação e reação, ou seja, um processo recíproco que provoca, a curto ou longo prazo, mudanças na forma de sentir, pensar e atuar dos envolvidos.³²

Comunicação Interpessoal e Práticas Sociais

“A comunicação constrói a realidade”³³, está além da transmissão de uma informação: ela espera respostas e abrange um leque de possibilidades transformadoras que são refletidas através da recepção do que é comunicado. Quem recebe a informação está inserido em uma cultura específica, em um contexto sócio-político-econômico-filosófico, munido de experiências pessoais únicas e todos esses fatores influenciam sua interpretação e reação ao que é comunicado. São fatores determinantes na soma ou na transformação da sua forma de pensar, agir ou se relacionar consigo e com o mundo.

Interessa-nos a comunicação participativa que propicia interação, crescimento, a qual oferece um espaço de “troca de ideias, vivências, experiências, das quais todos saem enriquecidos”³⁴ e a comunicação dialógica e horizontal

³² Maria Júlia Paes da SILVA. *Comunicação tem remédio – a comunicação nas relações interpessoais em saúde*, p.23

³³ Pedrinho A. GUARESCHI, in Pedrinho A. GUARESCHI (coordenador). *A realidade da comunicação – visão geral do fenômeno*, p.14

³⁴ José Mauel MORAN. *Desafios na Comunicação Pessoal*, p. 159

proposta por Paulo Freire³⁵ pela qual propõe a partilha do conhecimento através de relações entre as pessoas, mediatizadas pelo meio que as rodeia, onde a troca não se esgota na simples relação EU-TU, mas na contínua relação com o mundo e com outras pessoas abertas ao conhecimento.

“A comunicação é a que transforma essencialmente os homens em sujeitos”³⁶. Diante desse princípio apontado ainda por Paulo Freire, o direito à comunicação se faz especialmente importante para a formação do sujeito e consequentes transformações do meio que o cerca.

“A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.”³⁷ Dessa forma, encontramos a comunicação como um direito de participar do ato dialógico e agir ativamente no processo de criação e re-criação da realidade de cada pessoa.

A comunicação interpessoal, que acontece face-a-face entre as pessoas, facilita um diálogo entre o comunicador e quem ali recebe a informação, provocando um espaço de interação entre os envolvidos e de legitimidade das percepções e sentidos.

comunicar é *ser*, isto é, buscar sua identidade e sua autonomia. É também, *fazer*, ou seja, reconhecer a importância do outro, ir ao encontro dele. Comunicar é também agir. Mas é igualmente admitir a importância do outro, portanto, aceitar nossa dependência em relação a ele e a incerteza de ser compreendido por ele.³⁸

³⁵ Site Ciranda Brasil – iniciativa brasileira de comunicação compartilhada. *Paulo Freire e as teorias da comunicação*

³⁶ Ibid.

³⁷ Paulo FREIRE in Denise Cortez da Silva ACCIOLY. *Educação e comunicação na perspectiva de Paulo Freire: a questão da mídia na prática docente*, p.3

³⁸ Dominique WOLTON. *É preciso salvar a comunicação*, p.15

Em uma comunicação interpessoal, os envolvidos buscam compreender a mensagem do outro e fazer com que a sua seja compreendida. Não se pode deixar de lado jamais que cada pessoa possui sua própria subjetividade e, portanto, compreende o que é apresentado ao seu redor de forma distinta. Qualquer relação que facilite o diálogo “pessoa-pessoa” facilita a autenticidade da informação transmitida e das possibilidades de transformações pessoais e sociais. Pela comunicação interpessoal,

criamos juntos com outras pessoas novas realidades, modificamos tanto nossa forma de ver como a delas, ajudamo-nos a perceber melhor um mesmo assunto, a modificar algum aspecto do nosso mundo. (...) Modificamo-nos pessoalmente e modificamos os outros.³⁹

Quando somos agentes da comunicação nos tornamos além de alguém que recebe uma influência: influenciamos o meio, os outros, nós mesmos e nos tornamos protagonistas de uma história, conquistamos o poder de transformar nossa realidade.

Quando duas pessoas interagem, põem-se no lugar da outra, procuram perceber o mundo como a outra o percebe, tentam prever como a outra responderá. A interação envolve a adoção recíproca de papéis, o emprego mútuo das capacidades empáticas. O objetivo da interação é a fusão da pessoa e do outro, a total capacidade de antecipar, de prever e comportar-se de acordo com as necessidades conjuntas da pessoa e do outro.⁴⁰

Todas as práticas sociais devem permitir interação e disseminação de diferentes visões sobre uma mesma temática. Como mediadoras, provocam transformações sociais através da abertura para articulações, diálogos, trocas e apropriações das informações: são agentes de intervenção social.

³⁹ José Manuel MORAN. *Desafios na Comunicação Interpessoal*, p.80

⁴⁰ David K. BERLO. *O processo da comunicação*, p.136

Podemos aqui colocar que essas práticas se encontram no campo da comunicação para a aprendizagem, como um provocador de pensamentos – todos os envolvidos são inseridos em uma relação que possibilita aprender, transformar, recriar, mudar comportamentos e ideias para encararem uma nova realidade, uma nova forma de reagirem ao mesmo estímulo.

Numa perspectiva ampla, educar consiste em ajudar a si mesmo e a outros não a aprender a viver, mas também desenvolver todas as habilidades de compreensão, emoção e comunicação, para que encontrem seus espaços pessoais, sociais e profissionais, tornando-se pessoas e cidadãos realizados e produtivos.⁴¹

Essa revisão de conceitos e comportamentos que propicia abertura a novos olhares e relações na vida em sociedade está relacionada às ações da educomunicação.

A educomunicação é um novo campo de intervenção que abrange a interface comunicação e educação e compreende educar através de relações comunicativas. “É um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os segmentos humanos.”⁴²

Nesse campo constroem sentidos sociais novos, renovados ou ratificam-se mesmos sentidos com roupagens novas. Tudo isso ocorre num processo dialógico de interação com a sociedade, lugar da práxis que desenha e redesenha os sentidos, no caminho da tradição ou da ruptura, do tradicional ou do novo, da permanência ou da mudança.⁴³

⁴¹ Jose Manuel MORAN. *Os desafios na comunicação pessoal*, p. 154

⁴² Ismar de Oliveira SOARES. *Educomunicação – o conceito, o profissional, a aplicação*, p.15

⁴³ Maria Aparecida BACCEGA in Adilson Odair CITELLI e Maria Cristina Castilho COSTA (orgs.). *Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica*, p.31

Segundo Baccega⁴⁴, a interface comunicação/educação provoca o desenvolvimento do cidadão e tem, sobretudo, o objetivo de construir a cidadania a partir do mundo que nos é apresentado e é devidamente conhecido e criticado.

Entendemos por cidadania o direito de ter direitos. O cidadão tem direitos e deveres e, com isso, conquista a possibilidade de participar das decisões que envolvem o bem estar da sociedade e intervir na realidade social “construindo novas relações e consciências”⁴⁵. Ser cidadão é participar do governo do Estado e da sua própria vida, é ter o direito de expressar suas próprias ideias. É ser igual perante a lei, independente das diferenças e desigualdades sociais. “Significa, em sua essência, o direito de viver decentemente”.⁴⁶

⁴⁴ Maria Aparecida BACCEGA in Adílson Odair CITELLI e Maria Cristina Castilho COSTA (orgs.). *Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica*, p.32

⁴⁵ Dalmo de Abreu DALLARI. *Direitos Humanos e Cidadania*.

⁴⁶ Gilberto DIMENSTEIN. *O Cidadão de Papel: a infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil*. P.29

2.3. Capítulo 3 – Deficiência Mental

De acordo com o Censo 2000⁴⁷, cerca de 24,6 milhões de pessoas apresentam algum tipo de deficiência, seja ela física, visual, auditiva ou dificuldade de locomoção. Entre essa porcentagem da população (14,5%), 2.844.937 possuem deficiência mental permanente.

Assim como em qualquer outro tipo de deficiência, o deficiente mental não é doente, ele somente possui uma limitação que atinge o intelecto, o que influencia a sua maneira de aprender, entender e realizar atividades que podem ser comuns para as outras pessoas que não possuem nenhum grau de deficiência. O que caracteriza essa condição, segundo o DSM.IV, é quando a pessoa tem um

funcionamento intelectual significativamente inferior à média, acompanhado de limitações significativas no funcionamento adaptativo em, pelo menos, duas das seguintes áreas de habilidades: comunicação, autocuidados, vida doméstica, habilidades sociais, relacionamento interpessoal, uso de recursos comunitários, autossuficiência, habilidades acadêmicas, trabalho, lazer, saúde e segurança.⁴⁸

“A deficiência intelectual é resultado, quase sempre, de uma alteração no desempenho cerebral, provocada por fatores genéticos, distúrbios na gestação, problemas no parto ou na vida após o nascimento”⁴⁹. Segundo Ballone, as pessoas não são afetadas da mesma forma e, para a avaliação da gravidade da deficiência (que descrevemos a seguir, de acordo com a OMS-CID10) são necessárias avaliações neurológicas, psiquiátricas, psicológicas, sociais e clínicas e dependem, também, das experiências, oportunidades e apoios que cada pessoa possui. Portanto, a questão determinante do desenvolvimento cognitivo das pessoas está baseada na avaliação do coeficiente intelectual (QI – de 0 a 100) e da história de

⁴⁷ www.ibge.gov.br

⁴⁸ Geraldo José BALLONE, *Deficiência Mental*, disponível em www.psiqweb.med.br

⁴⁹ www.apae.org.br

vida de cada um, da sua capacidade de lidar com “as exigências comuns da vida e o grau em que experimenta uma independência pessoas para grupo etário, bagagem sócio-cultural e contexto comunitário no qual se insere”⁵⁰.

A partir dessa introdução, veremos um dos aspectos de avaliação do grau da deficiência, medido através de testes psicométricos, que corresponde à seguinte classificação, segundo a Organização Mundial de Saúde⁵¹:

- **Profunda**: pessoas com incapacidade total de autonomia, que possuem um QI abaixo de 10, inclusive aquelas que vivem em um estado vegetativo.

- **Agudo Grave**: fundamentalmente, necessitam que se trabalhe para instaurar alguns hábitos de autonomia, já que há probabilidade de adquiri-los. Sua capacidade de comunicação é muito primária e necessitam de acompanhamento constante.

- **Moderado**: o máximo que podem alcançar é o ponto de assumir um nível pré-operativo. São pessoas que podem ser capazes de adquirir hábitos de autonomia e, inclusive, podem realizar algumas atitudes bem elaboradas. Quando adultos podem frequentar lugares ocupacionais, beneficiando-se de programas para aquisição de habilidades, mesmo que sempre estejam necessitando de supervisão.

- **Leve**: são casos perfeitamente educáveis. Podem chegar a realizar tarefas mais complexas com supervisão. São os casos mais favoráveis.

Outro aspecto de avaliação da deficiência foi criado pela *American Association on Mental Retardation* (AAMR): são os Sistemas de Apoio. Eles destacam a capacidade de adaptação e participação de pessoas com deficiência mental no meio, enfatizando 5 dimensões: 1) habilidades intelectuais, 2)

⁵⁰ Luciana Riemer da CRUZ e Sidirley de Jesus BARRETO. *A importância do lazer na inclusão da pessoa portadora de deficiência mental na sociedade*, p.4

⁵¹ Geraldo José BALLONE, *Deficiência Mental*, disponível em www.psiqweb.med.br

comportamentos adaptativos, 3) participação, interações e papéis sociais, 4) saúde e 5) contexto.

Os apoios, devidamente aplicados, se convertem em instrumentos altamente inclusivos, pois além de auxiliarem na resposta dada pela pessoa com deficiência intelectual, estimulam o desenvolvimento e a aprendizagem da mesma ao longo de sua vida, tornando-a apta a operar independentemente em seu ambiente.⁵²

Interessa-nos, para a presente pesquisa, especialmente a deficiência mental leve e a moderada, as quais possibilitam determinada autonomia e independência. Na deficiência mental leve “pode-se desenvolver alguma aptidão social, de relação e de comunicação”⁵³, apresentando um ritmo de aprendizagem mais lento que o normal. Na deficiência mental moderada, as pessoas “chegam a falar e aprendem a comunicar-se adequadamente, ainda que seja difícil expressarem-se com palavras formulações verbais corretas. Normalmente o vocabulário é limitado mas, em determinadas ocasiões, principalmente quando o ambiente for suficientemente acolhedor e carinhoso, conseguem ampliar sua habilidade de expressão até condições realmente surpreendentes”.⁵⁴

Estigma/Preconceito

Em uma sociedade, não levando em conta que ela é composta de uma diversidade de pessoas, um padrão de ‘normalidade’ é instituído para classificar a população, o que acarreta no surgimento de estigmas e preconceitos que desvalorizam indivíduos.

⁵² Isabella de Oliveira SUPLINO. *Comunicação e inclusão social: análise das contribuições do cinema para o processo de inclusão social*, p.60

⁵³ Geraldo José BALLONE, *Deficiência Mental*, disponível em www.psiqweb.med.br

⁵⁴ Ibid.

“Por definição é claro, acreditamos que alguém com estigmas não seja completamente humano”.⁵⁵ No caso da deficiência mental (DM), o sujeito não é visto senão sob o olhar da sua condição, incorporando uma definição negativa generalizada, de desvalia, condição esta que, nem sempre, faz parte da sua realidade. A DM, portanto, é um estigma.

Justamente por contrariar as expectativas em relação à competência para o uso do raciocínio, do julgamento e da habilidade geral para lidar com a complexidade inerente ao estilo de vida competitivo e excludente que vivemos em nossos dias, as pessoas com deficiência mental ocupam um lugar de destaque, se assim podemos dizer, entre os estigmatizados, sendo objeto de ações (práticas) reabilitadoras, geralmente baseadas numa concepção de incapacitação para a vida moderna, resultando, daí uma série de impressões que aproximam essa condição peculiar à ideia de patologia, de doença.⁵⁶

O indivíduo estigmatizado representa o estranho e, conseqüentemente, a sua aceitação na sociedade enfrenta barreiras.

A partir desse contexto apresentado, no qual o estigma possibilita a não visualização do sujeito, mas sim de uma condição incapacitadora, podemos afirmar que a discriminação reduz as chances de viver, de desfrutar da vida, de obter o reconhecimento de uma individualidade.

O diferente e o desconhecido não atraem as pessoas e faz com que elas adquiram um pré-conceito que reflete em suas atitudes, comumente isolando as pessoas que não se enquadram no padrão de normalidade. Porém, um sujeito transforma e é transformado nas relações sociais e nas relações que tem consigo mesmo. Afastá-los do convívio social reforça a sua limitação ou ainda favorece o surgimento de novas.

⁵⁵ Erving Goffman in Edna Antonia MATTOS. *Deficiente mental: integração/inclusão/exclusão*

⁵⁶ Waldir Carlos Santana dos SANTOS e Celina Camargo BARTALOTTI. *Diferenças, deficiências e diversidade – um olhar sobre a deficiência mental*, p.383

Dessa forma, faz-se de fundamental importância que as pessoas que possuem qualquer grau de deficiência mental desfrutem da possibilidade de viver em sociedade para facilitar tanto o seu desenvolvimento (motor, cognitivo, social, afetivo) e a conseqüente melhora de sua qualidade de vida quanto transformar os paradigmas que a sociedade incorpora de forma estigmatizada. É preciso que a DM deixe de ser desconhecida.

A inclusão das pessoas com DM nas atividades em sociedade oportuniza que qualquer indivíduo possa conhecê-las e reconhece-las diante de suas capacidades, necessidades e potencialidades, evitando o preconceito e o olhar somente a partir de suas limitações, possibilitando que usufruam do direito de viver dignamente e conquistem maior respeito à sua individualidade. “A cidadania se constrói com a liberdade, aceitação das diferenças e a valorização do que cada um pode dar”.⁵⁷

Legislação

“É preciso fazer valer seus direitos e a efetivação de práticas que contribuam e possibilitem a sua participação no ambiente de sua cultura”.⁵⁸

Neste ponto teórico, faremos um pequeno recorte da lei, iniciando com a ênfase de quatro artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada em 10 de dezembro de 1948⁵⁹:

Artigo I - Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade.

Artigo III - Toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

⁵⁷ WERNECK in Suzana Nemecek LOSS. *Deficiência Mental e lazer: um relato de experiência*.

⁵⁸ Edna Antonia MATTOS. *Deficiente mental: integração/inclusão/exclusão*

⁵⁹ http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm

Artigo VI - Toda pessoa tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecida como pessoa perante a lei.

Artigo XIX - Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.

Esses artigos tornam legal aquilo que temos tratado neste capítulo. Uma pessoa, independente de possuir qualquer tipo de deficiência, deve ser reconhecida e tratada como pessoa e deve usufruir dos mesmos direitos na sociedade, independente do grau de interação que possa ser capaz de desenvolver. A Declaração Universal dos Direitos Humanos concede a todas as pessoas o direito de viver dignamente.

A Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência está presente no decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Nela consta a relação do Estado e da sociedade civil para o desenvolvimento de ações que assegurem a integração das pessoas com deficiência no contexto sócio-econômico social, as quais devem receber igualdade de oportunidades na sociedade por reconhecimento dos direitos que lhes são assegurados. Um dos objetivos dessa Política é a

integração das ações dos órgãos e das entidades públicos e privados nas áreas de saúde, educação, trabalho, transporte, assistência social, edificação pública, previdência social, habitação, cultura, desporto e lazer, visando à prevenção das deficiências, à eliminação de suas múltiplas causas e à inclusão social.⁶⁰

A partir desse olhar legal, as pessoas que possuem deficiência mental, juntamente com os demais segmentos da sociedade, devem buscar constantemente a efetivação da legislação de proteção existente e continuar sendo agentes de

⁶⁰ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm

mudanças, de transformações da realidade reivindicando direitos ainda não atendidos e buscando a ampliação da escuta e do protagonismo de suas histórias. “Viver envolve um trabalho, o processo de a gente se tornar aquilo que é potencialmente. Na arte de viver, o homem é simultaneamente o artista e o objeto de sua arte”⁶¹.

⁶¹ Erich FROMM in Vera Lúcia Gonçalves BERES. *Quando nos tornamos velhos?*, p.95

2.4. Capítulo 4 – Arte, comunicação, deficiência mental e transformação

“Ser ouvido realmente é uma condição essencial para poder mudar e evoluir”⁶²

“O que decide o destino da pessoa, em última instância, não é o defeito em si mesmo, mas suas consequências sociais, sua realização psico-social”.⁶³ Ou seja, não é sobre sua dificuldade que é construído o seu destino, mas sim no convívio social, no investimento às potencialidades, na abertura de espaços que lhe forneçam voz, na criação de oportunidades que auxiliem a transformação sadia dos seres.

“A sociedade educa quando transmite ideias, valores e conhecimentos”⁶⁴. Em todos os meios de comunicação, recebemos informações que auxiliam no desenvolvimento de nossas percepções a respeito do mundo e na aquisição de comportamentos e atitudes em relação a determinados temas.

Queiramos ou não, a sociedade está o tempo todo interagindo, comunicando-se conosco, orientando-nos, balizando a nossa percepção e a ação. A sociedade reforça certos comportamentos e desaprova outros.⁶⁵

Dessa forma, faz-se de extrema importância que a sociedade conheça a essência de determinados segmentos populacionais e retrate da maneira fidedigna seus sentimentos, seus pensamentos, seus potenciais e suas necessidades.

As ações sócio-educativas contribuem para a proteção social e para o desenvolvimento bio-psico-social do sujeito ao passo que ofertam recursos educativos que propiciam ampliação cultural e de conhecimento, possibilidades de

⁶² José Manuel MORAN. *Desafios na Comunicação Pessoal*, p. 200

⁶³ Lev Vygotski in Gláucia Uliana PINTO e Maria Cecília Rafael de GOES, *Deficiência mental, imaginação e mediação social: um estudo sobre o brincar*.

⁶⁴ José Manuel MORAN. *Desafios na Comunicação Pessoal*, p. 153

⁶⁵ *Ibid*, p.41.

integração e de aquisição de novas habilidades, reflexões, trocas, aprendizados e inclusão. Através delas, amplia-se a comunicação, a participação dos sujeitos na vida pública, o acesso às informações sobre serviços sociais e exercício da cidadania. É preciso ampliar as oportunidades de comunicação para que conquistemos também maior desenvolvimento social.

Quando não são abertas possibilidades de convívio social, a pessoa com deficiência mental tende a se isolar da sociedade e, em certos casos, até de si mesmo, pois acaba incorporando a visão deturpada do estigma a que foi submetida, o que leva a grandes prejuízos na sua autoestima e autoconfiança.

Excluí-los do convívio social só agrava a diferença e aumenta a limitação do indivíduo. É preciso estimular esses sujeitos para minimizarmos as diferenças e aproveitarmos seus potenciais a fim de podermos construir indivíduos produtivos pela sociedade.⁶⁶

As pessoas com deficiência mental são capazes de desenvolver habilidades de acordo com o seu grau de deficiência, sejam elas sociais, cognitivas, comportamentais, afetivas, motoras ou artísticas. Porém, é importante que sejam oferecidos espaços para tal desenvolvimento e que a família e a sociedade estejam abertas às oportunidades que favorecem o crescimento e o bem-estar da pessoa.

Comunicação e mudança

A comunicação “serve para que as pessoas se relacionem entre si, transformando-se mutuamente e a realidade que as rodeia”⁶⁷

Quando pensamos em comunicação e deficiência mental, muitas vezes, nos deparamos com a incomunicação, ou seja, “o outro, simplesmente, não está ali, não

⁶⁶ Maria Flávia FERREIRA. *Deficiência mental e preconceito*, disponível em <http://www.indianopolis.com.br>

⁶⁷ Juan E. Diaz BONDENAVE. *O que é comunicação?*, p.36

responde, não escuta, opõe-se ou foge”⁶⁸, é mais fácil não entrar em contato. Porém essa incomunicação é capaz de facilitar caminhos para mudanças, pois provoca busca de alternativas para conquistar a escuta de sua voz.

Comunicar é, antes de tudo, expressar-se: “tenho algo a dizer”, “tenho o direito de dizê-lo” (...) mas expressar-se não basta para garantir a comunicação, pois deixa de lado a segunda condição da comunicação: saber se o outro está ouvindo e se está interessado no que eu digo.⁶⁹

Não devemos, simplesmente, abrir espaços para que o deficiente mental seja *visto*, mas sim que possibilite que ele seja *conhecido, compreendido e respeitado como sujeito*. Através da comunicação interpessoal encontramos legitimidade de relação, seja por uma identificação (ou falta dela), seja por oportunizar novos olhares (ou não), seja por compreender a condição do outro (ou não). O que pretendemos colocar é que tendo contato direto com a pessoa é que podemos saber como se dará a nossa relação com ela. As relações que estabelecemos através de outros canais como, por exemplo, a mídia, nos oferece uma interação hipotética que pode estar carregada de estereótipos e errôneas impressões sobre um sujeito que é visto através da categoria a qual foi submetido.

Comunicamos-nos para sentir o prazer de estarmos juntos; para realizar-nos em todos os níveis possíveis – no emocional, no intelectual, no familiar, no profissional; além de mostrar aos outros que temos valor e sentir-nos valorizados, acolhidos e produtivos.⁷⁰

Uma das formas de reforçarmos nosso sentido de existência é o sentimento de pertencimento e de realização pessoal. Buscar interações nas quais as pessoas com deficiência mental sejam protagonistas no ato comunicativo proporciona a inclusão de seus sentimentos, ideias e necessidades na visão que as outras pessoas possam ter delas. Consequência disso é uma possível mudança nas

⁶⁸ Dominique WOLTON. *É preciso salvar a comunicação.*, p.147

⁶⁹ Ibid. p.14

⁷⁰ José Manuel MORAN. *Desafios na comunicação pessoal*, p.35

relações sociais que pode favorecer a autoestima, o autoconhecimento e a autoconfiança das pessoas com deficiência mental, pois elas terão a possibilidade de controlar a sua história.

Arte e mudança

A comunicação é uma via de mão dupla, onde cria-se novas relações pessoais e sociais tanto a quem emite quanto a quem recebe a informação, pois transmitimos a nossa visão para o outro e recebemos a visão do outro sobre o que estamos comunicando. “Recebemos informações, afeto, críticas, visões de mundo, interações e fazemos o mesmo com os outros”⁷¹ e com essa troca de percepções é que temos a possibilidade de transformar nossa realidade.

“Os meios de comunicação estão sempre presentes e são fator indispensável tanto na criação como na transmissão, mudança, legitimação e reprodução de determinada cultura”⁷². E uma das formas de comunicação alcançada por todos os segmentos populacionais é a arte, uma forma rica e bela de expressão de idéias, história e emoções que não se manifesta exclusivamente da linguagem verbal e que, além de favorecer o desenvolvimento integral do indivíduo criador, possibilita um espaço de diálogo e cultura que pode propiciar múltiplos olhares e construções de novos saberes integrantes de uma sociedade.

O descompromisso da arte com a rigidez dos julgamentos que se limitam a decidir o que é certo e o que é errado estimula o comportamento exploratório, válvula propulsora do desejo de aprendizagem. Por meio da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada⁷³.

⁷¹ José Manuel MORAN. *Desafios na Comunicação Pessoal*, p.78

⁷² Pedrinho A. GUARESCHI, *A Realidade da Comunicação – visão geral do fenômeno*. p. 13

⁷³ Ana Mae BARBOSA, *Mediação Cultural é Social*, p.21.

Dessa forma, práticas sociais que envolvem a comunicação através da arte possibilitam que as pessoas com deficiência mental, além de se desenvolverem pessoal e socialmente, possam expressar a sua forma de enxergar e lidar com o mundo que as cercam. A arte oferece espaço para diversos tipos de expressão e, assim, facilita que qualquer pessoa encontre uma maneira de transmitir suas ideias e sentimentos, independente do tipo de deficiência que possa ter. Integrando essa expressão na sociedade, abre-se caminho para diversas leituras que permitem o diálogo e a busca de compreensão do que é apresentado. Compreendendo, desenvolvemos um conhecimento mais profundo sobre a criação e o criador e aprendemos. E, quando aprendemos, podemos mudar nossos pensamentos e atitudes.

2.5. Capítulo 5 – Nossa Turma – Lazer Programado

Nossa Turma – lazer programado é uma empresa localizada em São Paulo, capital, e foi o local escolhido para efetivar essa pesquisa.

A Nossa Turma é uma empresa que surgiu em 02 de abril de 1998 e foi criada com o principal objetivo de oferecer lazer e entretenimento para pessoas com déficit cognitivo leve a moderado. É direcionado a adultos não cadeirantes (pois não há estrutura para isso) que possuem autonomia em relação à alimentação e à higiene pessoal. Hoje em dia, tornou-se um grande grupo de amigos que saem aos finais de semana para se encontrar e se divertir.

A Nossa Turma oferece passeios aos finais de semana e viagens, que são escolhidos de acordo com o leque cultural da cidade de São Paulo e do interesse dos participantes do grupo. Oferece, também, cursos semanais de culinária, hidroginástica e cinema.

Na aula de culinária são ensinados escolha dos alimentos, preparo, higiene na cozinha, etiqueta a mesa, receitas doces e salgadas e organização dentro da cozinha.

Na aula de hidroginástica - que acontece na academia Aspen Sport, região sul da capital -, são realizadas atividades que trabalham os grupos musculares (membros superiores, inferiores, abdominal) e visam a coordenação, equilíbrio, força, resistência e divertimento.

Na aula de cinema, os alunos são tanto os criadores como atores das histórias encontradas nos filmes feitos todo ano. Além de serem ensinadas noções básicas de roteiro e produção, são dadas atividades que desenvolvem expressão

corporal, verbal, facial, dicção, relação entre os participantes, relação com a câmara e crítica de cenas.

A presente pesquisa teve como campo de estudo Oficinas de Comunicação criadas dentro do curso de Cinema.

3. Metodologia

3.1. Participantes

A pesquisa foi realizada com dois públicos:

Público 1: os alunos do Curso de Cinema de 2011 da Nossa Turma – Lazer Programado, empresa situada em São Paulo, que participaram de Oficinas de Comunicação e organizaram uma exposição com o resultado do trabalho durante as mesmas.

Público 2: pessoas que frequentaram a exposição do trabalho feito com os alunos e responderam um questionário referente a ela.

Público 1: alunos do curso de cinema da Nossa Turma

O Curso de Cinema contou com 5 alunos adultos, todos tinham deficiência mental leve a moderada, com autonomia nas atividades da vida diária:

- C. (32 anos), mora com a irmã, trabalha há 5 anos em um hospital de dependência química, faz o curso de cinema há 1 ano e meio.

- E. (54 anos), mora com a irmã, estuda no CIEJA/Butantã, não trabalha, faz o curso de cinema há 2 anos e meio.

- F. (40 anos), morava com o irmão no início da pesquisa, mudou-se para morar sozinho (com empregada residente) ainda durante a execução das oficinas, faz aulas particulares, trabalha no laboratório Fleury há 12 anos, faz o curso de cinema há 5 anos e meio.

- K. (32 anos), mora com a mãe, faz aulas particulares, não trabalha. Faz o curso de cinema há 1 ano e meio.

- L. (58 anos), mora com a irmã, faz aulas particulares, não trabalha. Faz o curso de cinema há 5 anos e meio.

Público 2: pessoas que frequentaram a exposição

Foram 17 pessoas, com idades entre 19 e 74 anos, que responderam o questionário proposto na exposição.

3.2. Instrumentos

Esse estudo baseou-se na realização de Oficinas de Comunicação criadas especialmente para atingir o objetivo proposto. Foram utilizados recursos tais como: rodas de conversa, oficinas de fotografia e intervenção artística em fotografia.

Para a análise sobre o impacto do trabalho nos participantes, houve três momentos de avaliação sobre as expectativas dos alunos quanto ao trabalho proposto e um momento de avaliação do resultado do trabalho.

Para a análise do impacto que o trabalho deles causou na sociedade foram realizadas uma exposição das produções criadas e a aplicação de um questionário aos visitantes da exposição.

3.3. Procedimentos

Durante todo o processo da pesquisa, foram realizados com o grupo 14 encontros nos quais se tratou dos seguintes temas (detalharemos cada etapa a seguir):

Primeira Etapa:

1. Roda de conversa: O que é comunicação?
2. Roda de conversa: Para que serve a comunicação?
3. Roda de conversa: Como podemos nos comunicar?
4. Roda de conversa: Estrutura da comunicação.
5. Quem sou eu? Comunicando (fala)
6. Quem são eles? Comunicando (escuta)

Segunda Etapa:

7. Exposição: o que queremos transmitir?
8. Oficina de fotografia – aprendendo a usar a máquina fotográfica.
9. Comunicação através de fotografia – expressão de ideias através de fotos e intervenções artísticas.

10. Comunicação através de fotografia – expressão de ideias através de fotos e intervenções artísticas.
11. Comunicação através de fotografia – expressão de ideias através de fotos e intervenções artísticas.
12. Comunicação através de fotografia – expressão de ideias através de fotos e intervenções artísticas.
13. Comunicação através de fotografia – expressão de ideias através de fotos e intervenções artísticas.
14. Comunicação através de fotografia – expressão de ideias através de fotos e intervenções artísticas.

Nos quatro primeiros encontros fizemos rodas de conversa para discutir o tema da comunicação: conceito, formas e aplicações. Os participantes fizeram pesquisas sobre cada tema em casa para ser compartilhada com os demais e aprofundarmos os conceitos. Através dessa pesquisa e de orientações apresentadas pela professora/pesquisadora, foi debatido cada elemento dado.

No quinto e sexto encontros, trabalhamos na prática o que foi aprendido. Cada participante se apresentou e, após sua apresentação, os demais expressaram o que compreenderam e aprenderam sobre o colega. A partir dessa dinâmica discutimos o valor do cuidado com o que é transmitido e com o que é captado.

Esses primeiros encontros nas Oficinas tiveram como propósito auxiliar na organização dos trabalhos que seriam expostos para o público. No término dessa primeira etapa, portanto, teve início a discussão sobre o objetivo da exposição que iriam produzir.

O final do sexto encontro foi o primeiro momento de perguntar as expectativas dos participantes quanto ao trabalho que iríamos expor no término das oficinas.

A partir do sétimo encontro o enfoque foi a produção do material que seria exposto para o público. Os participantes definiram as ideias que seriam transmitidas às pessoas e concluíram que as produções expressariam os seus sentimentos de alegria, amizade, carinho, coragem, vida, solidariedade, união e respeito.

Os meios escolhidos para que a mensagem fosse transmitida foram a fotografia e o audiovisual.

Todas as fotografias tiradas, por eles e pela professora, tiveram intervenções dos participantes (pinturas, colagens e textos) para que expressassem suas ideias e sentimentos sobre os temas anteriormente definidos.

O início e o término da produção do material a ser exposto (oitavo e décimo quarto encontros) foram os segundo e terceiro momentos, respectivamente, de perguntar as expectativas quanto ao trabalho que iríamos expor no término das oficinas.

O resultado dos encontros foi apresentado na exposição “Prazer em Conhecer” que aconteceu no dia 11 de junho de 2011, no Centro Paulista de Reabilitação, em São Paulo.

Estiveram expostas as fotografias criadas nas oficinas e os filmes que produziram no Curso de Cinema desde o ano de 2008, ano em que a professora/pesquisadora entrou para o grupo.

Quatro dias após a exposição o grupo se encontrou e foi o momento de perguntar a sensação que ficou após realizarem esse trabalho.

Para análise dos resultados da pesquisa, os participantes contaram sobre sua expectativa pré e pós exposição e os convidados responderam um questionário após visitarem a mesma.

4. Resultados

4.1. Expectativa dos participantes

4.1.1. Expectativa pré-exposição: primeiro momento – começando a pensar no trabalho

C.: *quero mostrar tudo o que a gente aprendeu durante as aulas esses anos e nos anos anteriores com nossos filmes que é o quanto a gente pode mostrar pras pessoas que não é só ficando zuando os outros, cada um tem um modo e um jeito de aprender e aprender as dificuldades de cada um. Quero que a exposição dê certo, que dê sucesso, que as pessoas possam entender a comunicação e a expressão. Que as pessoas possam se comunicar entre si sobre o que nós fizemos durante os meses.*

E.: *eu quero que a exposição seja o maior sucesso e espero que as pessoas assistam a gente lá. Espero que as pessoas venham falar com a gente.*

F.: *espero que o público goste.*

K.: *quero passar a nossa alegria, nosso amor por fazer esse trabalho porque a gente está se empenhando muito. Espero que as pessoas possam entender mais da nossa história, da nossa vida, da alegria que a gente tem, da nossa força de vontade. Porque a gente não está aqui só por estar, está aqui porque a gente gosta.*

L.: *espero que a exposição seja alegre, interessante, que gostem da exposição. Fazer uma exposição com carinho, com amor. Espero que todo mundo goste da exposição que estamos preparando.*

4.1.2.Expectativa pré-exposição: segundo momento – início da execução do trabalho

C.: *estou sentindo que vai ser bom, nós vamos poder nos abrir melhor, vamos parar de ter vergonhas e vai ser muito emocionante.*

F.: *estou feliz e quero passar paz e amor.*

E.: *eu vou adorar, nunca fiz uma exposição, gostarei muito, vou ficar muito feliz.*

K.: *estou um pouco apreensiva porque não sei o que as outras pessoas vão achar de me ver fazendo essa exposição. A gente vai ser reconhecida? As pessoas vão vir falar com a gente? Que vergonha. Meu sentimento se mistura com alegria, compreensão e carinho e é claro que vou me dedicar a essa exposição com carinho.*

L.: *estou adorando montar uma exposição com muito amor e carinho para o pessoal que vai assistir à exposição. Fico alegre, feliz com essa exposição.*

4.1.3.Expectativa pré-exposição: terceiro momento – finalizando o trabalho

C.: *vai ser muito bacana porque eu nunca fiz uma exposição com as fotos que a gente está fazendo, é a primeira vez. Vai ser uma emoção muito grande. E foram bacanas esses quatro meses trabalhar com vários tipos de fotos que mostram os sentimentos de cada pessoa que está fazendo essa exposição. Em uma palavra, a exposição pra mim é amor.*

E.: *eu gostei muito, essa exposição vai ser muito alegre, estou convidando muitas pessoas e, para mim, vai ser muita satisfação. Adorei muito fazer as fotos e fiquei alegre. Em uma palavra essa exposição vai ser emoção.*

F.: *estou feliz com essa exposição, gostei de pintar as fotos. Você foi a luta, com garra, com força de vontade pra fazer esse grupo e em uma palavra eu digo que é sucesso.*

K.: *esses quatro meses foram maravilhosos. Para mim foi uma emoção muito grande, eu nunca tinha feito uma coisa dessas. Eu fiquei imaginando como seria o momento de chegar essa exposição, espero que vá um monte de gente ver o que eu sinto. Em uma palavra essa exposição é estar com vocês.*

L.: *achei legal, muito interessante pegar uma foto e escrever sobre a vida, respeito, emoção, coragem e alegria. Isso vai trazer para o pessoal muita alegria na exposição, vão gostar muito, vão ficar muito interessados e gostar muito. Foi muito bom esse trabalho que fizemos nesses quatro meses para a exposição. Em uma palavra o pessoal vai encontrar na exposição alegria.*

4.1.4.Expectativa pós-exposição: sensação do evento e aprendizado das oficinas

C.: *a exposição foi emocionante, quero fazer mais. Adorei falar da exposição para os convidados. As aulas me ajudam muito a tirar a timidez, a vergonha, posso me abrir mais com as pessoas.*

E.: *gostei muito da exposição, espero que o pessoal tenha gostado, quero fazer mais e mostrar em outros lugares. As aulas me deixam mais solta.*

F.: *adorei, mas senti falta dos meus amigos lá. Quero levar essa exposição para outras cidades, mostrar para todo mundo. Gostei das aulas, elas me ajudam a falar direito, eu treino a fala e o grupo me ajuda.*

K.: *eu fiquei super emocionada e envergonhada. Nunca tinha feito, foi a minha primeira vez. Com essas aulas estou me sentindo mais solta, me sentindo mais empenhada, me sentindo com mais vontade de fazer as coisas, não só porque eu gosto, mas porque agora eu peguei amor pelas coisas que eu faço.*

L.: *foi muito interessante, gostei muito. As aulas me ajudam muito, às vezes eu fico com a fala um pouco atrapalhada e eu gosto de ajudar os amigos.*

Todos: *Senti falta dos meus amigos da Nossa Turma na exposição.*

4.2. Produção dos participantes

4.2.1. Produção em grupo

As criações feitas em grupo pelos participantes foram compostas de fotografias, textos e palavras que ilustrassem a ideia e/ou sentimento escolhido para se expressarem.

Foram feitos, em grupo, fotografias que expressassem o sentimento de alegria, amizade, carinho, coragem, respeito, solidariedade, união e vida.

Os produtos desse encontro e troca entre os participantes são ilustrados a seguir:

Alegria



ALEGRIA é viver com os amigos e com a família, é viver com união e harmonia entre as pessoas.

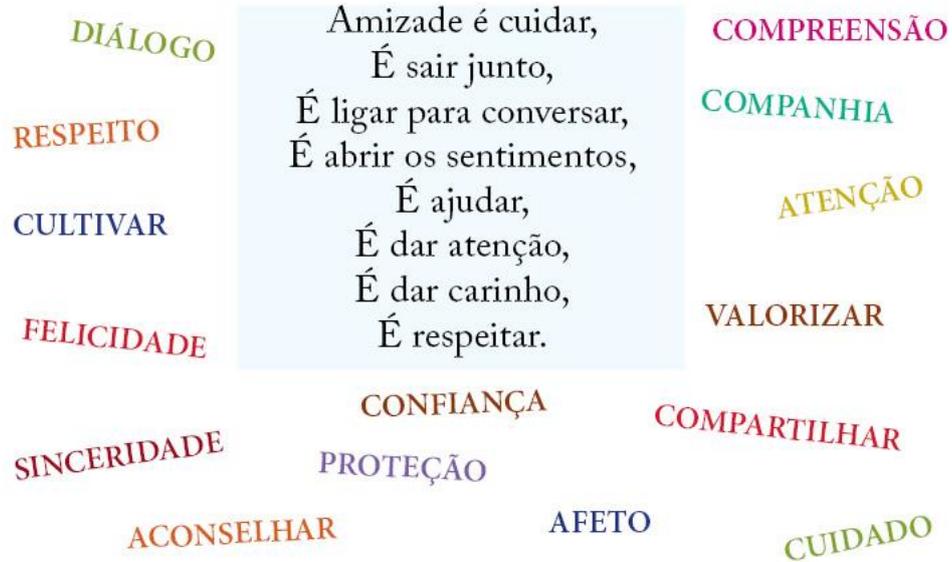
O circo é cheio de alegria.
 Alegria é cheia de diversão.
 Alegria é cheia de emoção.
 Alegria é viver.
 Alegria é rir.
 Alegria é aprender.
 Alegria é o encontro dos amigos.
 Alegria é viajar.
 Alegria é a família.
 Alegria é brincar.
 Alegria é estar com pessoas especiais.
 Alegria é poder estar de bem com a vida.

PASSEIOS
 FESTA
 FAMÍLIA
 NAMORADA
 TRABALHO
 AMIGOS
 CUIDADO
 VIAGEM
 NAMORADO
 APRENDER

Amizade



AMIZADE



Respeito



RESPEITO

ANIMAIS

COMPREENSÃO

NATUREZA

AJUDAR

Respeitar as pessoas é educação.

EDUCAÇÃO

Respeitar é ouvir o outro e tratar bem.

É muito importante respeitar para ser respeitado.

Devemos respeitar as diferenças porque ninguém é perfeito e ninguém é melhor que ninguém.

Devemos respeitar nosso planeta para poder viver.

PLANETA

Respeitar o cara lá de cima que é o poderoso Deus.

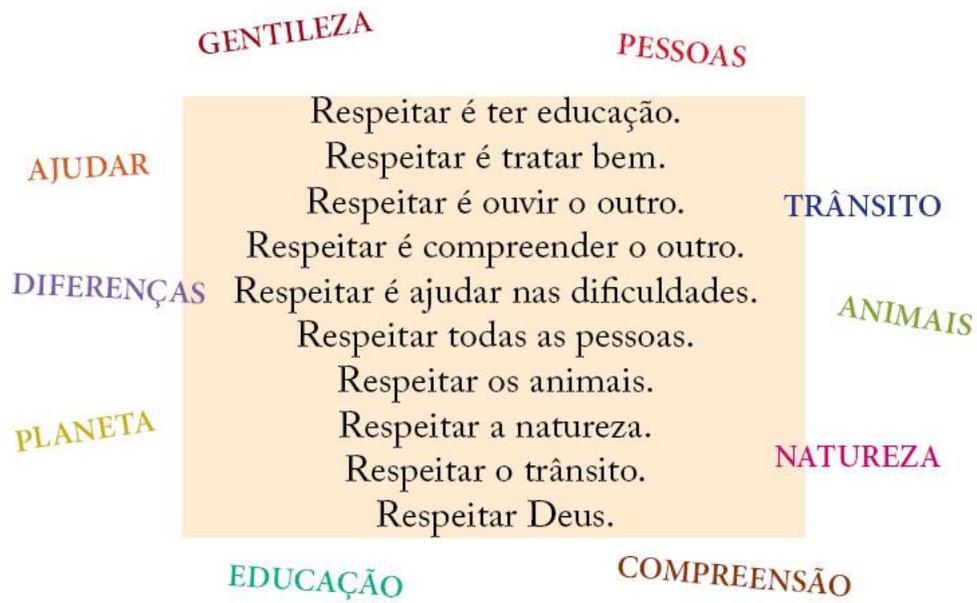
GENTILEZA

Respeito é bom e eu gosto.

PESSOAS

DIFERENÇAS

TRÂNSITO



Carinho



CARINHO é cuidar do outro, ajudar, ficar junto.

TOQUE RESPEITO
 CUIDADO TERNURA
 ABRAÇO BONDADADE
 BEIJO FAMILIA
 AMIGOS GOSTAR DEDICAÇÃO

Solidariedade



SOLIDARIEDADE

AJUDA – RESPEITO – CARINHO – PREOCUPAÇÃO
- COMPREENSÃO - APOIO

É ajudar o próximo em suas dificuldades.
É ajudar aquele que precisa de apoio.
É presentear quem precisa mais do que você.
É compreender e ajudar o outro.

União



UNIÃO

Somos diferentes uns dos outros.

RESPEITO

DIFERENÇAS

COMPANHEIRISMO

COMPREENSÃO

DIVERSIDADE

Coragem

CORAGEM é superar os medos, é enfrentar os perigos, lutar, ter fé.

ATITUDE DESTEMOR
 NOVIDADE
 BARREIRAS
 FORÇA SUPERAÇÃO
 LUTA
 CONQUISTA OUSADIA
 ÂNIMO

Vida

VIDA é boa quando se tem amigos.

Vida é amor.
 Vida é superar obstáculos.
 Vida é uma pessoa nascendo.
 Natureza é vida.
 Vida é coração batendo.
 Sol é vida.

AMIZADE
 FLOR
 ANIMAL
 FAMÍLIA
 ESPORTE PLANETA
 NATUREZA NASCIMENTO CORAÇÃO
 CARINHO

4.2.2. Produção Individual

As criações feitas individualmente pelos participantes foram compostas de fotografias, textos e palavras que ilustrassem a ideia e/ou sentimento escolhido para se expressarem.

Foram feitos, individualmente, fotografias que expressassem o sentimento de alegria, coragem e vida.

Os produtos desse trabalho são ilustrados a seguir:

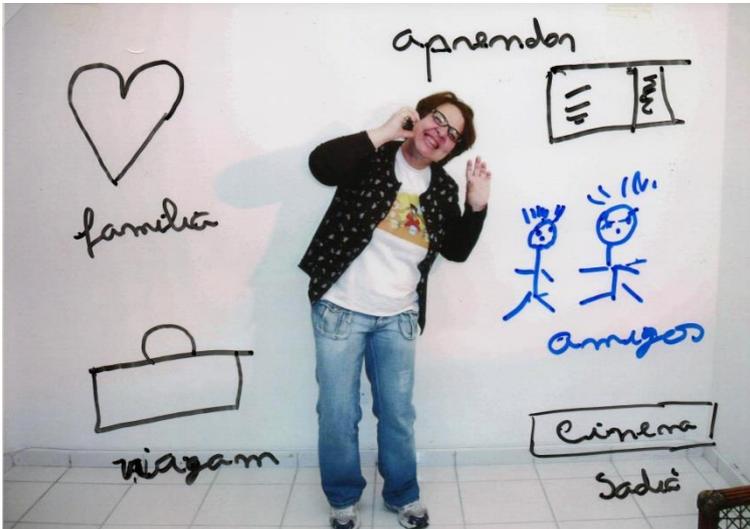
Alegria

C. Sinto ALEGRIA quando eu ajudo meus amigos; estou na minha cama; saio ou viajo com meus amigos; faço as minhas aulas que eu amo; vou para o trabalho; converso com meus amigos no MSN; vou jantar fora ou quando vou para alguma festa; vou ao estádio de futebol; corro no parque; jogo bola.



*Foto tirada por E.

E. Sinto ALEGRIA quando eu saio com a Nossa Turma; vejo televisão; estou com as pessoas; passeio; vou para a escola; viajo; estou em casa; estou com minha família; estou com meus amigos.



*Foto tirada por F.

K. Sinto ALEGRIA quando eu encontro minha família; saio ou viajo com a NOSSA TURMA; vejo meu irmão ganhar na corrida de carro; vejo meu pai; faço exercícios; vejo minha mãe alegre; vejo meu professor de informática; vejo meu namorado.



*Foto tirada por C.

F. Sinto ALEGRIA quando eu vejo meu time, São Paulo, jogar; vou em festas; vou para o trabalho; estou com a NOSSA TURMA; recebo meus amigos em casa; viajo; vou ao cinema.



*Foto tirada por L.

L. Sinto ALEGRIA quando eu vejo meus amigos; encontro minha namorada; viajo com a NOSSA TURMA; vejo minha família; faço aniversário; ganho presentes; vou ao aniversário dos amigos; faço exercícios na esteira ou caminho; assisto a filmes; converso e me divirto com as pessoas; jogo futebol.



*Foto tirada por K.

Coragem

C. Coragem é enfrentar barreiras a cada dia, é poder enfrentar os medos. A minha coragem está em enfrentar os centros cirúrgicos.



*Foto tirada por F.

E. Coragem é fazer algo que dá medo. A minha coragem está em viver minha vida nova.



*Foto tirada por C.

F. Coragem é lutar pela sua vida, é ter força. A minha coragem está em morar sozinho.



*Foto tirada por L.

K. Coragem é poder saber os limites, saber até onde ir e dirigir com coragem de pegar a estrada sem medo. A minha coragem está em viver.



*Foto tirada por E.

L.⁷⁴ Coragem é atitude, é destemor, é ousadia, é ânimo, é perder o medo, é enfrentar o perigo. A minha coragem está em mergulhar na piscina.



*Foto tirada por K.

Vida⁷⁵

C.: Vida é a minha casa, é ter o meu espaço. É poder ajudar as pessoas. É o nosso planeta. Vida é ver meu coração batendo a cada minuto.



⁷⁴ A intervenção teve prejuízo quando transportada, descolaram as letras P, I e N da palavra “piscina” colocada por L.

⁷⁵ As intervenções foram feitas sobre uma mesma imagem, capturada pela professora/pesquisadora.

E.: *Vida é respirar, é estar com os amigos e com a família, é aprender.*



F.: *Vida é ajudar, é amor. Vida são as plantas e os animais, é a natureza. É nascer e crescer, é ser você mesmo. Vida é viver com a Síndrome de Down.*



K.: *Vida é pintar, é cor, é dançar. Vida é poder viver em harmonia com a minha família e saber que a felicidade é estar do lado de quem a gente gosta.*



L.: *Vida é saúde, é bem-estar, é bom humor, é felicidade, é prazer. Vida são pessoas, são plantas, são animais. Vida é estar apaixonado, é estar com os amigos.*



4.3. Produção Audiovisual

Para a exibição audiovisual, foram selecionados 3 filmes e 2 exercícios que o grupo produziu de 2008 a 2010:

Filme de 2008: **A Incrível Fábrica de Brinquedos**

A Incrível Fábrica de Brinquedos é um filme divertido cheio de bronca e trapalhada. Ele conta a história da misteriosa fábrica de brinquedos Esperança, onde coisas estranhas acontecem.

Lucas, o filho do dono da fábrica, é uma pessoa inconsequente e ambiciosa que sempre teve todos os brinquedos que quis sem nunca valorizá-los. Sempre viveu às custas do pai.

Pica Pau é uma pessoa humilde e responsável que acredita que todos os brinquedos são especiais e sempre sonhou em trabalhar perto deles.

A vida dos dois toma um rumo diferente quando o pai de Lucas morre e o filho despreparado herda a fábrica. Daí pra frente, muita ação e mistério irá ocorrer.

A Incrível Fábrica de Brinquedos trata da importância da troca, união e ajuda mútua em qualquer relação.

Exercício 1 (2009): **Chapeuzinho Vermelho – as armadilhas do Lobo Mau**

Chapeuzinho Vermelho – as armadilhas do Lobo Mau é uma adaptação do clássico conto de fada contado através de fotografias.

Exercício 2 (2009): **Videoclipe da música “A Praça”, de Ronie Von**

Filme de 2009: Nossa Turma: o sonho que virou notícia!

Este filme é um pequeno documentário sobre o trabalho que vem sendo desenvolvido há quase 12 anos e contamos com os repórteres Pepino, Pipoca, Peteca e o âncora Peixoto, do Jornal da Nossa Turma, para mostrar um pouco mais desse sonho que se tornou realidade. De forma curiosa e divertida, nossos repórteres apresentam aos telespectadores as atividades do grupo e grande parte de seus integrantes. É um filme que informa e entretém.

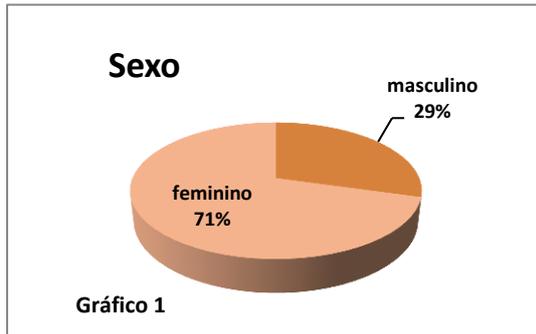
Filme de 2010: Depende de nós...

Depende de nós... traz como personagem principal João, um menino com Síndrome de Down. É um filme que trata, de uma forma bem humorada, sobre temas do nosso cotidiano como a família, a amizade, o preconceito e, principalmente, a confiança na realização de um sonho.

João se aventura na busca de seus desejos e vive pelo caminho muitas histórias, palhaçadas e confusões. É um filme para se emocionar!

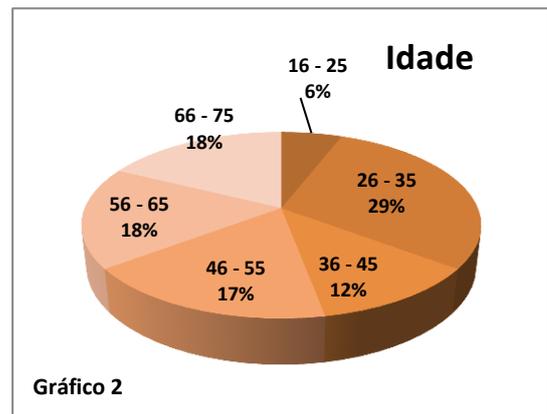
4.4. Questionário aplicado aos convidados

4.4.1. Perfil dos convidados



Participaram da pesquisa, respondendo os questionários, 17 pessoas que prestigiaram a exposição “Prazer em Conhecer”, sendo, em sua maioria, pessoas do sexo feminino (71%), como podemos observar no gráfico 1.

A idade dos participantes variou de 19 a 74 anos, sendo que 29% tinham idade entre 26 e 35 anos e 6% tinham idade entre 16 e 25 anos, a maior e a menor porcentagem, respectivamente, como podemos verificar no gráfico 2. De um modo



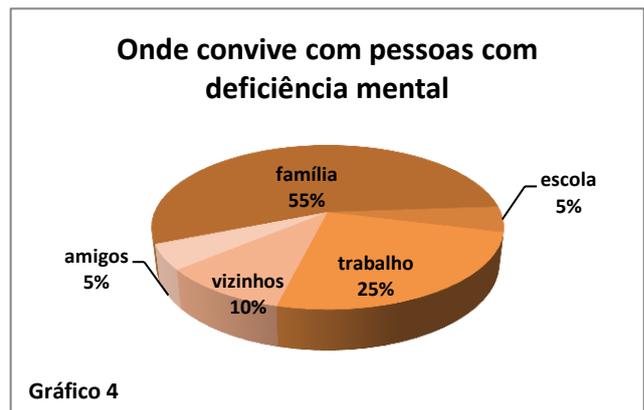
geral, representando mais de 50% dos visitantes, encontramos pessoas com idade entre 46 e 75 anos.

Quanto à profissão dos visitantes, 23% trabalham na área de saúde (psicólogos, fisioterapeuta e biomédica), 18% trabalham com educação (professores e pedagogos) e 59% engloba profissões variadas como: corretor de seguro, engenharia, arquitetura, jornalismo, advocacia, gestão de recursos humanos, assistência social, estudante e ainda quem não possui nenhuma ocupação.



A maior parte dos visitantes (65%) tem um convívio frequente com pessoas com deficiência mental (gráfico 3). Os demais nunca tiveram ou possuem um raro convívio.

Dos visitantes que convivem com pessoas com deficiência mental, seja frequentemente ou raramente, 55% possuem o convívio dentro da família. O convívio no trabalho faz parte de 25% dos visitantes e ainda, para alguns, a escola, os vizinhos e os amigos são lugares de convívio, como podemos observar no gráfico 4.



4.4.2. Reação à exposição

Quando perguntado se a exposição “Prazer em Conhecer” acrescentou algo novo para os visitantes, 94% responderam que sim (gráfico 5).



Complementando a afirmação deixada nos questionários e ilustrada no gráfico 5, alguns comentários foram deixados para justificá-la:

- O enfoque da união, solidariedade, amizade e respeito diz tudo o que o grupo que nos recebeu com muita alegria e risadas tem dentro do seu coração.

- Reforçou o que tenho tido oportunidade de observar no exemplo que temos em família. A convicção de que a valorização, o tratamento carinhoso, o esforço para integrar o deficiente mental à sociedade faz com que ele se sinta confiante e importante.

- Foi interessante observar um grupo de pessoas com dificuldades distintas (cognitivas, motoras, de fala, etc) e com graus de dificuldade também distintos, fazendo juntos os trabalhos propostos. Os alunos pareciam muito integrados e solidários uns com os outros, orgulhosos dos resultados apresentados na exposição. O mais interessante, pra mim, foi observar a aceitação, a não discriminação entre os elementos do grupo embora tenham dificuldades tão diferentes.

- O que mais chamou minha atenção foi que as atividades propostas pro grupo, embora super elaboradas, são simples o suficiente pra garantir que todos possam ter sucesso. Os filmes e as fotonovelas são atividades q não são "café com leite", elas não podem sair de qualquer jeito (isso é o q eu acho o maior mérito desse trabalho), mas ao mesmo tempo permitem que todos experimentem, tentem, melhorem - e se divirtam enquanto fazem uma coisa super legal, que eles podem ter orgulho.

- Me serviu para lembrar que a forma como você se vê muda a forma como os outros te vêem; acho que ver a forma como o pessoal da turminha se respeita, se

entende, e se coloca, mudou muito a minha forma de vê-los, também com maior respeito e maior interesse.

- Percebi que grupos como este integram as pessoas especiais e trazem desafios e muitos outros estímulos. Um trabalho excelente.

- Adorei conhecer as possibilidades de desenvolvimento e de entretenimento de pessoas com deficiência.

- A sua expressão, que não difere da nossa.

- Todos são muito dóceis.

- O esforço e a consciência de integração.

- É muito interessante ver como os deficientes mentais podem produzir coisas engraçadas, criativas e comoventes.

- Possibilitou contato com a expressão de sentimentos evocados por temáticas abstratas. Reforça a perspectiva bem prática que os especiais têm sobre a própria vida.

- Não entendi o que queria ser passado.

Foi aberto, também no questionário, um espaço para colocarem suas opiniões e comentários sobre a exposição. Listamos abaixo:

- De especial impacto foi a frase do Fê: “vida é viver com a Síndrome de Down”. Impressionante também a elaboração da Eunice: “A minha coragem está em viver minha vida nova”. Percebemos que o trabalho artístico e em equipe é muito

importante para o desenvolvimento do grupo, reforçando laços e conceitos, além das habilidades. Especial é viver de modo especial, sendo especial!

- Adorei o trabalho, lara, por ajuda-los a interagir na sociedade de uma maneira natural e atrativa.

- O filme mostrou como a turma evoluiu, compreendeu. Muito legal.

- Os filmes são muito divertidos e os participantes da turma também são uma simpatia.

- Estão de parabéns todos quantos se empenham nessa tarefa, tanto os orientadores quanto os “meninos”. A exposição estava muito bonita, significativa, refletindo o entusiasmo com que os “Artistas” se dedicaram à tarefa. Importante que possamos tomar contato com essa realidade e fiquemos alertas para a possibilidade de poder sermos úteis em uma ou outra oportunidade.

- Achei muito bacana o trabalho. Notei que os alunos gostam muito de representar, fazer os filmes. Gostam também de exhibir, mostrar o que fizeram. Com certeza, não só fazer os trabalhos é importante para eles, mas também coloca-los à mostra. Parece ter sido para os alunos, importante e prazerosa a exposição. Logicamente que a boa relação, a alegria do grupo, tudo isso é fruto de um trabalho bem feito, trabalho feito com amor, seriedade e dedicação.

- Foi tudo ótimo! O mais bonito de ver foi a empolgação e o orgulho dos participantes e a maneira como eles levam a sério o que estão fazendo.

- Foi muito legal, criativo e feliz.

- *Gostei muito da ideia e criatividade de todos. Percebo que todos estão felizes com o ambiente e as pessoas. Muito bom!*

- *Há necessidade de maior organização da mostra.*

5. Análise dos resultados

5.1. Público 1: alunos do Curso de Cinema da Nossa Turma

Os alunos, durante todo o processo, empenharam-se com dedicação ao trabalho, mostrando vontade de aprender com ele e de expor sua vida através dele.

Antes de começarmos a falar sobre a exposição propriamente dita, os alunos expressaram o que gostariam que as pessoas captassem nos trabalhos que seriam expostos. Percebemos, nesse momento, que o respeito e o reconhecimento como pessoa foram nitidamente colocados nas falas de C. e K., como apontamos a seguir:

C. - quero mostrar tudo o que a gente aprendeu durante as aulas esses anos e nos anos anteriores com nossos filmes que é o quanto a gente pode mostrar pras pessoas que não é só ficando zuando os outros, cada um tem um modo e um jeito de aprender e aprender as dificuldades de cada um.

K. - Espero que as pessoas possam entender mais da nossa história, da nossa vida, da alegria que a gente tem, da nossa força de vontade. Porque a gente não está aqui só por estar, está aqui porque a gente gosta.

C. ainda colocou que esperava que o trabalho não se encerrasse na exposição, que o reconhecimento e o produto dele fosse disseminado nas relações, que *“as pessoas possam se comunicar entre si sobre o que nós fizemos”*.

E. colocou em sua fala o desejo de que as pessoas fossem conversar com ela, isso demonstra vontade de interagir com os demais e uma abertura ao diálogo através de suas obras.

Todos os alunos tiveram a preocupação de fazer um trabalho que agradasse o público e, dessa forma, como percebemos na fala de L., buscaram fazer uma exposição alegre, interessante e com carinho.

Ao iniciar as produções que seriam expostas, todos os alunos manifestaram felicidade com a oportunidade, pois seria uma experiência a qual nenhum deles havia passado. C. ainda colocou que essa oportunidade seria *emocionante*, pois seria um espaço para poder se abrir e perder a vergonha e K. mostrou preocupação e vergonha por conta do que os outros poderiam pensar sobre o que ela exporia, mas não deixou isso abalar a sua dedicação.

Trabalhos em grupo:

Durante os trabalhos que fizeram em grupo, observamos, através da intervenção que fizeram nas fotos⁷⁶, que as atividades e os amigos da Nossa Turma – Lazer Programado são de extrema importância para suas vidas quando pensam em amizade e alegria.

Ao tratarem do tema alegria, apontaram os amigos, a família, passeios, viagens, o riso, a vida, o aprendizado e o trabalho como aspectos importantes para esse sentimento. No tema amizade, o cuidado, a atenção, a valorização, a compreensão, a confiança, a companhia, a sinceridade e o cultivo dos mesmos são palavras que se destacam. Dessa forma, podemos observar que atribuem grande valor às relações de amizade.

Sobre o tema carinho, apontam o toque, o beijo, o abraço, a dedicação, o cuidado, os amigos, a família e o respeito como palavras ilustrativas sobre ele. São pessoas e manifestações que evocam esse sentimento.

⁷⁶ Página 40.

Sobre a solidariedade, exemplificam com uma atitude do próprio grupo, ao ajudar K., pois possui dificuldade em caminhar. Para eles, a solidariedade acontece quando nos preocupamos e ajudamos quem precisa.

Ao trabalharem o tema união, apontam que todos somos diferentes uns dos outros e que temos que compreender e respeitar a diversidade.

O sentimento de coragem evoca superar medos. Colocam que a coragem nos dá força, ousadia e ânimo para lutar e conquistar.

A vida, para os alunos, está relacionada, especialmente, aos amigos, à família e à natureza.

Por fim o respeito: enfatizam que é uma questão de educação. Para eles, o respeito está nas relações com as pessoas, com a natureza e com Deus. Entre as pessoas, destacamos que devemos ouvir o outro, ajudar nas dificuldades e respeitar as diferenças. Esses três pontos colocados pelos alunos, foi observado durante todo o processo na relação entre eles e são elementos conclusivos de uma relação de troca, com a qual todos têm a possibilidade de estar junto e crescer e aprender sobre si e sobre o outro.

Trabalhos individuais:

Alegria

Um aspecto de alegria em comum a todos os alunos, como podemos observar também através do trabalho em grupo, é estar com os amigos. Outro que se faz importante para a maioria deles é estar com a família.

Dois pontos em comum entre C. e F. é ir ao trabalho e ficar alegre com jogos de futebol. Para C. e L., o ponto comum é jogar bola.

Para K. e L., encontrar o namorado e a namorada, são situações que trazem alegria. Outra situação em comum entre eles e entre a C. é fazer exercícios físicos.

Para C. e E., ficar em casa é uma situação de alegria. C. ainda completa que fica alegre quando conversa com os amigos no MSN e E., quando vê televisão.

C., K. e E. ficam alegres quando têm aulas e F. e L. quando assistem filmes.

L. também se alegra quando faz aniversário e ganha presentes.

Coragem

A coragem, para cada um deles, está mais relacionada a aspectos da vida que evidenciam naquele momento. Para C., superar o medo de centros cirúrgicos é o que mais representa a coragem. Para E., que veio a São Paulo morar com a irmã e ingressou no grupo Nossa Turma e na escola há pouco tempo, a coragem está em viver essa nova vida que tem experienciado a cada dia. Para F., que mudou de casa durante o processo das Oficinas, a coragem está em morar sozinho. Para K., conhecer os próprios limites e se desenvolver aprendendo com eles é como enfrenta os medos e a ajuda a viver. E para L., mergulhar na piscina sem o medo de se machucar ou machucar alguém é a sua coragem.

Vida

Para C., vida é ter seu espaço e sentir seu coração bater. Para E. é respirar e aprender. Para F., é amor, é ser você mesmo e é viver com a Síndrome de Down. Para K, é pintar, é cor, é dançar. E para L. é saúde e é estar apaixonado.

Para K. E. e L., a vida está na relação com a família e os amigos. Para C. e F., vida está em ajudar os outros.

Ainda para C., F. e L., a vida está relacionada, também, com o nosso planeta, com a natureza.

Através dos dados colocados acima, nos temas individuais alegria, coragem e vida, podemos perceber que o grupo possui muitas opiniões em comum, mas que, também, apontam suas particularidades. Observamos, também, que as colocações são parte da vida de cada um e, dessa forma, permitem a possibilidade de as pessoas que tiverem contato com suas expressões, poderem conhecer do universo de cada um deles.

Para chegarem a esses apontamentos, os alunos entraram em contato com si mesmos e puderam conhecer mais sobre o que sentiam. Ao expor esses sentimentos, os amigos também os conheceram mais.

No fim do trabalho, a alegria ainda perdurava e, com as fotografias já prontas, manifestaram seu sentimento de orgulho ao que estavam fazendo, de satisfação por poderem se expressar de uma forma que nunca tinham entrado em contato. Podemos perceber esse sentimento através das seguintes falas sobre a expectativa quanto à exposição:

C. - Vai ser uma emoção muito grande.

E. - Estou convidando muitas pessoas e, para mim, vai ser muita satisfação.

K. - Espero que vá um monte de gente ver o que eu sinto.

As palavras apontadas para ilustrar o que a exposição representava naquele momento, podem traduzir o sentimento do grupo no decorrer desse trabalho: amor, emoção, sucesso, estar junto e alegria. Cada dia que passava a vontade crescia para que chegasse o momento da exposição.

Durante a exposição, o empenho dos alunos ao mostrarem suas criações foi desde a entrada até a última obra. Eles acompanhavam os convidados e conversavam sobre o que seus trabalhos representavam.⁷⁷ Por muitas vezes, os convidados procuravam os alunos para fazerem questões a respeito das obras e eles respondiam com alegria cada questão colocada. A cada interação, foi observado o sentimento de orgulho, reconhecimento, respeito e satisfação que manifestaram em suas expectativas pré-exposição.

Passado o dia da exposição, os alunos manifestaram vontade de fazer outras e de levar a mesma exposição a outros lugares, mostrando alegria e admiração pelo trabalho que fizeram. Todos sentiram falta dos amigos que têm na Nossa Turma.

Para C., a exposição foi emocionante e pôde perceber que o trabalho feito nas aulas a ajuda a se abrir com as pessoas. E. e K. também colocaram que se sentem mais soltas por conta das aulas. F. e L. apontaram as aulas como um recurso para poder treinar a fala e a dicção.

⁷⁷ Fotos ilustrativas da exposição encontram-se no anexo 2.

Através dessa análise, podemos perceber que o trabalho desenvolvido trouxe grandes benefícios para o autoconhecimento, a autoestima e a autoconfiança dos alunos e, conseqüentemente, para as relações consigo e com os outros.

5.2. Público 2: pessoas que frequentaram a exposição

Os questionários foram respondidos por um público diversificado e permitiu que mostrassem diferentes visões e aprendizados através da exposição.

Mesmo aqueles que convivem com pessoas com deficiência mental, independente do ambiente do convívio, ao entrarem em contato com a expressão dos alunos, permitiram a possibilidade de modificar a sua visão: *Me serviu para lembrar que a forma como você se vê muda a forma como os outros te vêem; acho que ver a forma como o pessoal da turminha se respeita, se entende, e se coloca, mudou muito a minha forma de vê-los, também com maior respeito e maior interesse.*

Outros que também possuem convívio com pessoas com deficiência mental, apontam que o trabalho serviu para reforçar o que já experienciam: *Reforçou o que tenho tido oportunidade de observar no exemplo que temos em família. A convicção de que a valorização, o tratamento carinhoso, o esforço para integrar o deficiente mental à sociedade faz com que ele se sinta confiante e importante.*

Além do comentário citado acima, há outros que ressaltam o que falamos anteriormente sobre os resultados dos alunos, sobre sua confiança, seu orgulho e o respeito mútuo que foi perceptível também pelos convidados: *Os alunos pareciam muito integrados e solidários uns com os outros, orgulhosos dos resultados*

apresentados na exposição. O mais interessante, pra mim, foi observar a aceitação, a não discriminação entre os elementos do grupo embora tenham dificuldades tão diferentes; O mais bonito de ver foi a empolgação e o orgulho dos participantes e a maneira como eles levam a sério o que estão fazendo. Foi colocada também a afirmação de que o trabalho que realizaram possibilita o desenvolvimento pessoal e que o resultado permite esse orgulho: Os filmes e as fotonovelas são atividades q não são "café com leite", elas não podem sair de qualquer jeito (isso é o que eu acho o maior mérito desse trabalho), mas ao mesmo tempo permitem que todos experimentem, tentem, melhorem - e se divirtam enquanto fazem uma coisa super legal, que eles podem ter orgulho.

Valorizando ainda o resultado observado na dedicação e no comportamento dos alunos, percebemos que a forma pela qual a exposição foi organizada e os trabalhos expostos também possibilitou reconhecimento deles: *A exposição estava muito bonita, significativa, refletindo o entusiasmo com que os "Artistas" se dedicaram à tarefa; Notei que os alunos gostam muito de representar, fazer os filmes. Gostam também de exibir, mostrar o que fizeram. Com certeza, não só fazer os trabalhos é importante para eles, mas também coloca-los à mostra. Parece ter sido para os alunos, importante e prazerosa a exposição.*

Seguimos exemplificando a importância de trabalhos como esse para o desenvolvimento pessoal e integração social com as seguintes citações: *Percebi que grupos como este integram as pessoas especiais e trazem desafios e muitos outros estímulos; Adorei conhecer as possibilidades de desenvolvimento e de entretenimento de pessoas com deficiência.* Outro ainda ilustra a importância para o desenvolvimento em grupo: *Percebemos que o trabalho artístico e em equipe é*

muito importante para o desenvolvimento do grupo, reforçando laços e conceitos, além das habilidades.

Importante, também, para que o conhecimento adquirido não se encerre na exposição, suprimindo a expectativa de C.: *Importante que possamos tomar contato com essa realidade e fiquemos alertas para a possibilidade de poder sermos úteis em uma ou outra oportunidade.*

A quem não acrescentou nenhum conhecimento, justificou o não entendimento pelo que pretendia ser passado. Essa informação, assim como a diversidade de apontamentos acima citados, nos mostra que não temos o controle sobre a reação dos receptores das mensagens. Cada indivíduo que visitou a exposição tem suas visões e experiências que influenciam no modo de olhar o que foi exposto.

Baseado nos dados acima, observamos que a exposição atingiu os convidados de forma a reconhecerem os protagonistas da mesma e a pensarem ou repensarem a relação e a visão que têm sobre as pessoas com deficiência mental, atingindo o objetivo que o grupo esperava.

6. Conclusão

Evoluímos à medida que desenvolvemos uma atuação produtiva para a sociedade, dentro das nossas possibilidades, mas também quando os outros reconhecem o nosso valor⁷⁸

A partir dos resultados obtidos através da pesquisa, faz-se de significativa importância práticas sociais que sejam mais participativas, que permitam o diálogo e a troca e que os autores possam protagonizar possibilidades de mudanças nas relações com o mundo. Essas práticas, que colocam o deficiente mental no comando da expressão de seus pensamentos, ajudam a construir um equilíbrio entre a sua vida pessoal e sua vida social, promovendo melhor qualidade de vida, consequência do desenvolvimento da autoestima, da autoconfiança e do autoconhecimento, três fatores que consideramos essenciais para o bem-estar.

A comunicação é um campo de trocas e interações, que permitem perceber-nos, expressar-nos e relacionarmos com os outros, além de ensinar e aprender. Comunicar-nos é entrar em sintonia, aproximar, trocar, intercambiar, dialogar, expressar, influenciar, persuadir, convencer, solidariezar, tornar transparente, comungar.⁷⁹

Em todo ato comunicativo, provocamos alguma reação de quem recebe nossa mensagem. Porém, é na interação – e não somente na emissão ou recepção da mensagem – que melhor conseguimos provocar mudanças de pensamentos, pois o diálogo ajuda na compreensão e incorporação das ideias colocadas. A interação modifica tanto quem transmite quanto quem recebe, pois ficamos abertos para diferentes visões e construímos juntos o conhecimento.

⁷⁸ Jose Manuel MORAN. *Os desafios na comunicação pessoal*, p.222

⁷⁹ *Ibid*, p.35

É preciso que essa troca de sensações entre as pessoas com deficiência mental e a sociedade se torne natural. Conhecer pessoas é do que estamos falando e não da deficiência que, para muitos, ela “carrega”. É preciso enxergar os sujeitos.

Evidenciamos aqui na conclusão um comentário sobre o que a exposição acrescentou de novo na sua vida: **a sua expressão, que não difere da nossa**. Essa afirmação é tão óbvia e, ao mesmo tempo, tão complicada de se compreender. As pessoas com deficiência mental são sujeitos e, assim como qualquer ser humano, sentem, pensam, criam, se comunicam, se divertem, tem opiniões, preferências, medos. Ao lerem os resultados apresentados pelos alunos⁸⁰, teve algum momento, sentimento ou situação que você se identificou?

“O compartilhamento aumenta quando julgamos menos e nos aproximamos mais, quando vemos o que temos em comum, o que nos une, em primeiro lugar”.⁸¹ Não podemos deixar que estereótipos camuflem a vida das pessoas com deficiência mental. Elas têm capacidades, habilidades e potenciais que devem ser reconhecidos e explorados. São capazes de se desenvolver cognitva, afetiva e socialmente quando proporcionadas oportunidades de convívio com o mundo. Portanto, é preciso traçar novas estratégias que ofereçam uma vida mais digna a esse segmento da população.

Esperamos que essa pesquisa sirva de apoio para o desenvolvimento de atitudes que favoreçam o crescimento e a aprendizagem de pessoas que possuem deficiência mental e que possa estimular reformulações na visão que a sociedade tem a respeito das mesmas. Dessa forma, acreditamos que haja a possibilidade da construção coletiva de uma sociedade que comporte mais respeito nas relações humanas.

⁸⁰ A partir da página 36.

⁸¹ Jose Manuel MORAN. *Os desafios na comunicação pessoal*, p. 58

7. Bibliografia

AZEVEDO, Fernando Antonio Golçalves de. *A arte possibilita ao ser humano repensar suas certezas e reinventar seu cotidiano*. In: *Arte/Educação Como Mediação Cultural e Social*. Barbosa, Ana Mae e Coutinho, Rejane Galvão (orgs.). São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. *Mediação Cultural é Social*. In: *Arte/Educação Como Mediação Cultural e Social*. Barbosa, Ana Mae e Coutinho, Rejane Galvão (orgs.). São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BERES, Vera Lúcia Gonçalves. *Quando nos tornamos velhos? Aspectos internos e externos desta questão*. 1. Ed. São Paulo: Vetor, 2002.

BERLO, David K. *O processo da comunicação*. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BONDENAVE, Juan E. Diaz. *O que é comunicação?* 12ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CITELLI, Adílson Odair e COSTA, Maria Cristina Castilho (orgs.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. 1ª ed. Editora Paulinas: São Paulo, 2011.

COLI, Jorge. *O que é Arte?* São Paulo: Brasiliense, 2006.

DALLARI, D.D. *Direitos Humanos e Cidadania*. São Paulo: Moderna, 1998.

DIMENSTEIN, Gilberto. *O Cidadão de Papel: a infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil*. 19ª ed. São Paulo : Editora Ática, 2001.

FERRIGNO, José Carlos. *Co-educação entre gerações*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: SESC, 2003.

GUARESCHI, Pedrinho A. (coordenador). *Comunicação e Controle Social*. Vozes: São Paulo, 1991.

KELLY, Celso. *Arte e Comunicação*. Rio de Janeiro: Agir; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

MORAN, José Manuel. *Desafios na Comunicação Pessoal*. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

READ, Herbert. *O sentido da arte*. 2ª ed. São Paulo: IBRASA, 1972.

SILVA, Maria Júlia Paes da. *Comunicação tem remédio – a comunicação nas relações interpessoais em saúde*. 2ª ed. São Paulo: Gente, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de História da Cultura Brasileira*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação – o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011.

WOLTON, Dominique. *É preciso salvar a comunicação*. São Paulo: Paulus, 2006.

Webgrafia

ACCIOLY, Denise Cortez da Silva. *Educação e comunicação na perspectiva de Paulo Freire: a questão da mídia na prática docente*. Disponível em <http://www.paulofreire.org.br>. Acesso em 22 de maio de 2011.

BALLONE, Geraldo José. *Deficiência Mental*, disponível em www.psiqweb.med.br www.apae.org.br. Acesso em 07 de julho de 2011.

CENSO 2010, disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 07 de julho de 2011.

CIRANDA BRASIL – iniciativa brasileira de comunicação compartilhada. *Paulo Freire e as teorias da comunicação*, disponível em <http://www.ciranda.net/brasil> . Acesso em 14 de junho de 2011.

CRUZ, Luciana Riemer da e BARRETO, Sidirley de Jesus. *A importância do lazer na inclusão da pessoa portadora de deficiência mental na sociedade*. Disponível em <http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-01.pdf>

DANTAS, Tiago. *O que é cultura?* In: <http://www.alunosonline.com.br/filosofia/o-que-e-cultura> . Acesso em 13 de julho de 2010.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em <http://portal.mj.gov.br>. Acesso em 07 de julho de 2011.

FERREIRA, Maria Flávia. *Deficiência mental e preconceito*, disponível em <http://www.indianopolis.com.br>. Acesso em 13 de junho de 2011.

LIMA, Sueli de. *Arte e transformação social*. In: <http://www.artedeeducar.org.br/pdfs/Arte%20e%20transformacao%20social.pdf>
Acesso em 22 de agosto de 2010.

LOSS, Suzana Nemecek. *Deficiência mental e lazer: um relato de experiência*. Disponível em <http://www.efdeportes.com> . Acesso em 22 de maio de 2011.

MATTOS, Edna Antonia. *Deficiente mental: integração/inclusão/exclusão*. Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur13/edna.htm>. Acesso em 07 de julho de 2011.

MOURA, Selma. *Arte-Educação para quê? (Razões para ensinar arte)* In: <http://www.overmundo.com.br/overblog/arte-educacao-para-que-razoes-para-ensinar-arte> Acesso em 29 de julho de 2010.

PINTO, Gláucia Uliana e GOES, Maria Cecília Rafael de. *Deficiência mental, imaginação e mediação social: um estudo sobre o brincar*. Disponível em <http://www.scielo.br>

POLÍTICA NACIONAL PARA A INTEGRAÇÃO DA PESSOA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA. Disponível em <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em 07 de julho de 2011.

SANTOS, Waldir Carlos Santana dos e BARTALOTTI, Celina Camargo. *Diferenças, deficiências e diversidade – um olhar sobre a deficiência mental*. Disponível em [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/is_digital/is_0203/pdfs/IS23\(2\)054.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/is_digital/is_0203/pdfs/IS23(2)054.pdf)

SUPLINO, Isabella de Oliveira. *Comunicação e inclusão social: análise das contribuições do cinema para o processo de inclusão social*. Disponível em <http://www.contemporanea.uerj.br/> . Acesso em 04 de julho de 2011. Acesso em 07 de julho de 2011.

8. Anexos

Anexo 1 – Questionário

Esse questionário faz parte da pesquisa de Pós Graduação em Comunicação Social (COGEAE/SP e SEPAC), de Iara Simonetti Racy, intitulada *Fazendo Arte: a comunicação participativa no processo de transformação das relações sociais*.

1. Idade: _____

2. Sexo: () FEMININO () MASCULINO

3. Profissão: _____

4. Convive com pessoas com algum tipo de deficiência mental?

() FREQUENTEMENTE

() RARAMENTE

() NUNCA

5. De acordo com a resposta afirmativa da questão anterior, onde há esse convívio?

() FAMÍLIA

() ESCOLA

() TRABALHO

() OUTRO. QUAL? _____

6. A exposição “Prazer em Conhecer” acrescentou algo novo para você? Comente.

() NÃO _____

() SIM _____

7. Espaço para opiniões e outros comentários sobre a exposição.

Anexo 2 – Fotos da exposição



